

A ESCOLA PRIMARIA

REVISTA MENSAL

Sob a direcção de inspectores escolares do Districto Federal

Director-Presidente

DR. ALFREDO C. DE F. ALVIM

Redacção : RUA 7 DE SETEMBRO, 174

Officinas : RUA DO CARMO, 55-A

Gerente :

YELVA P. DE SÁ FREIRE

Assignaturas } um anno..... 9\$000
6 mezes..... 5\$000

SUMMARIO

Francisco F. Mendes Vianna	Os acontecimentos de S. Paulo Classes e Promoções no Magiste- rio Municipal A Instrucção Publica em Minas Geraes.	Mestre escola.....	Tres palavrinhas Expediente
Abilio Barros de Alen- car	Dos Complementos numericos.	Othello Reis.....	Educação do homem e do cidadão
Dejanira A. R. Roboei- ra	Verbos aparentemente irregula- res	Jonathas Serrano.....	Historia
		Othello Reis.....	Geographia.
		Noemia Eloya e Inah	
		Martini.....	Lingua Materna
		Olympia do Coutto....	Arithmetica

Os acontecimentos de S. Paulo

«O»

Quasi todo o mez de Julho passou em dolorosa anciedade a população inteira deste paiz, desde que se espalhou a noticia de que na prospera cidade de São Paulo um grupo de insensatos, a quem a demencia momentanea, ou a cega ambição do poder fizera olvidar as solennes promessas de fidelidade ao paiz e ás instituições que nos regem, havia lançado o brado da revolta contra as autoridades constituídas e talvez contra o proprio regimen.

Transida de susto deante do horroroso crime da sedição militar em um dos logares mais populosos, mais opulentos e mais formosos do paiz, viu a população partirem os batalhões incumbidos de jugular o levante; teve noticia das perdas que enluctavam as hostes da legalidade; familias feridas, golpeadas em seus filhos, choraram margas lagrimas. Mas por toda parte, graças a Deus, não se ouviu senão a censura mais vehemente, a repulsa mais franca, da parte da população ordeira, aos desatinados sediciosos que contra irmãos assestavam as armas com que os haviam de defender.

Felizmente, a manhã do dia 28 trouxe á legalidade a victoria das armas leaes, que o povo inteiro desejava. Divulgada a noticia, era de vêr-se no Rio de Janeiro (e naturalmente o mesmo foi em todos os pontos do paiz) a alegria desafogada com que mutuamente se felicitavam os cidadãos, livres do longo pesadelo de 23 dias.

A ESCOLA PRIMARIA congratula-se com o governo federal pela energia e pela presença de animo de que deu provas inconcussas; com o valoroso presidente do Estado de São Paulo pela bravura com que soube, desde o inicio da sedição, resistir ao ataque dos rebeldes; com

os governos estadoaes que se promptificaram a enviar para o theatro da lucta suas forças, de modo que, aliadas ás do glorioso exercito nacional de que apenas infima minoria se rebellara, pudessem offerecer aos revoltosos o espectáculo da união do paiz em torno da bandeira commum; com a população, em summa, que soube esperar, orando piedosa e afflictiva, mas confiante na protecção decidida que concede o Deus dos Exercitos a quem está com a boa causa, que é a da ordem.

Encerrado esse periodo de angustia, lembremos sempre, e lembrem os mestres a seus discipulos, o que soffreu a nação. Nada é mais damnoso á vida nacional, á prosperiedade do paiz e a seu prestigio no concerto dos povos, do que a lucta fraticida, principalmente se lhe falta um ideal, se nem ao menos é um protesto, uma reivindicação, como esta de que acabamos de sahir. Praza aos céos que nunca, nunca mais, ennodee as paginas de nossa historia a macula das sedições militares e das guerras civis, que acabariam por scindir o paiz e enfraquecel-o, deixando-o inerte e sem vigor, á mercê do primeiro inimigo externo que o quizesse pilhar.

Temos fé que, melhor que qualquer juramento, a educação do povo, começada na escola e prolongada na disciplina do quartel, educação que já se fez sentir na serena obediencia com que se moveram as tropas da legalidade, ha de impedir para o futuro qualquer outra audaciosa e insensata tentativa e que esteja definitivamente encerrado com esta, que algumas vidas preciosas nos custou e algumas centenas de milhares de contos, o cyclo das mashorcas, das sedições, dos pronunciamentos.

1-IDÉAS E FACTOS

Classes e Promoções no Magisterio Municipal

Apesar de sua grande e incontestável dedicação ao ensino, não pode o nosso magisterio primario municipal deixar de interessar-se vivamente com a questão das promoções e dos vencimentos. Nada mais justo do que preocuparem-se os docentes com o seu futuro e também com o seu presente.

São aspectos que se não podem desprezar e com que a administração tem de contar, sob pena de concorrer para que se comprometta parte da eficiencia do ensino. Pessoal mal pago e sem esperança de melhorar seu estipendio, não pode ter, por viver frequentemente asoberbado com dificuldades de ordem material, essa dóse de tranquillidade espiritual de que carecem quantos são forçados a usurpar parte da sacratissima missão das mães.

Infelizmente, porém, de um lado o numero avultado de membros do magisterio primario, de outro as perennes dificuldades financeiras da Municipalidade, têm impedido a solução do caso.

A verdade é que o preço por que sae a instrucção das creanças do Districto Federal é elevadissimo e, entretanto, para o custo da vida carioca, os professores primarios em geral, e muito especialmente os adjunctos, estão sendo mal pagos. De tal custo não cabem as culpas ao magisterio, porém ao estado de inorganização em que se tem debatido o ensino, mao grado louvaveis esforços de algumas administrações.

Para que os resultados pudessem ser menos gravosos e tornar-se melhores, seria preciso, antes de tudo, dar typos definidos ás nossas escolas de instrucção primaria. Esses typos, a meu ver, poderiam ser o de Grupo Escolar, o de Escola Primaria e o de Escola Rural. O primeiro, de matricula minima para 500 alumnos, abrangendo 6 ou mesmo 7 annos de curso, mas podendo ter apenas classes até o terceiro anno, teria um programma de desenvolvimento approximado dos que, inconvenientemente, têm servido para todas as escolas do Districto

Federal; o segundo com 3 ou 4 annos apenas e programma muito mais simples, admitiria de 70 a 80 matriculados, regido por um professor com um adjuncto, o terceiro, finalmente, apenas de 3 annos de curso e programma muitissimo simples e reduzido seria de um só professor para matricula de 45 alumnos no maximo. Os dois primeiros typos poderiam ser estabelecidos na propria zona rural, quando suas condições fossem preenchidas; o terceiro apenas na rural.

Para esta organização, de que trato com maior desenvolvimento em meu Relatorio sobre o anno de 1923, ora publicado e que daria lugar a consideraveis economias, proporia o seguinte em relação ao pessoal docente;

Entrada no magisterio. Fal-a-ia sempre depender da demonstração de capacidade. No caso de vagas em numero superior ao de candidatos, a nomeação se daria pelas medias obtidas na Escola Normal, estabelecidas as equivalencias dos varios criterios que têm sido successivamente nella adoptados a um typo unico. Em igualdade de condições, decidir-se-ia pela precedencia de formatura e, em seguida, a favor do de maior idade. As vagas restantes seriam preenchidas por concurso de provas. Si o numero de candidatos fosse superior ao de vagas, nomear-se-ia a metade pelo criterio acima indicado e a outra metade por concurso de provas.

Melhoria de vencimentos entre os adjunctos. Supprimindo as categorias ou classes entre os adjunctos, faria a melhoria dos vencimentos deste depender essencialmente do respectivo tempo de serviço, como é mais justo quando a natureza das funções não varia. Adoptaria, em summa, o systema, introduzido em 1911 pelo Estado de Nova York, systema que venho propondo desde 1915 e a que me refiro na pagina 20 do meu já citado Relatorio. Os vencimentos com que iniciariam a carreira iriam sendo annualmente augmentados de uma quantia fixa, até attingirem a um limite determinado, o que poderia dar-se, por exemplo, ao cabo de dez annos.

Apenas como base para as propor-

ções ou relações que me parecem razoaveis, supponhamos para vencimentos iniciaes dos adjunctos — 250\$000. Sempre e invariavelmente a partir de 1.º de Janeiro de cada anno, depois que já contassem um anno de effectivo exercicio, taes vencimentos iriam sendo accrescidos de 20\$ mensaes. No fim de 10 annos o adjuncto perceberia, portanto, os vencimentos de 450\$000.

Em Nova York começavam com 860 dollars annuaes e no fim de 12 annos attingiam a 1820 dollars.

Tendo em vista a conveniencia de impedir a falta de assiduidade e de dedicação, seria imprescindivel estabelecer tres restricções impedindo a melhora annual de vencimentos;

1.ª — No caso de certa porcentagem de faltas, digamos por exemplo, 45 annuaes, justificadas ou não;

2.ª — No caso do adjuncto haver gozado mais de dois mezes de licença;

3.ª — No caso de evidente desidia, denunciada pelo inspector escolar ou por qualquer outra pessoa do publico ou interessada na direcção do ensino e comprovada em inquerito administrativo, cercado de todas as garantias e em cuja commissão não entrassem nem o inspector, nem o professor a que estivesse subordinado o adjuncto. Nesta ultima hypothese a perda poderia ser decretada por dois annos.

Professores. Formariam uma classe, com os vencimentos de 550\$000 mensaes. Seriam escolhidos, dentre os adjunctos que tivessem attingido ao limite maximo de vencimentos, por merecimento, mediante informações dos inspectores e professores sob os quaes servissem ou tivessem servido, salvo si fosse preferido reservar metade das vagas para serem preenchidas por concurso, sempre effectuado em Janeiro.

Em caso algum a administração poderia deixar de promover, antes de iniciado o anno lectivo, o preenchimento das vagas abertas até o encerramento do anno lectivo anterior.

O numero de professores seria de tantos quantas as escolas primarias e ruraes e mais 10 % . Admittamos que a lei fixava em 200 o numero dessas escolas. Teriamos mais 20 docentes com a categoria e os vencimentos de professores. Duzentos estariam na regencia

das citadas escolas e 20 constituiriam uma especie de reserva. Si algum dos 200 regentes manifestasse incapacidade intellectual ou physica superveniente seria afastado da regencia, com declaração reservada do motivo, e passaria então ou a lecionar uma classe (poderia ser aliás a que escolhesse, si mantivesse capacidade para ella) ou iria servir como auxiliar de Director de qualquer dos Grupos escolares. Nessas funções seriam igualmente aproveitados os que, promovidos, ainda não tivessem podido ser designados, por falta de vaga, para a regencia de escola.

Directores de Grupos Escolares. Formariam igualmente uma classe, com o mesmo excesso de 10 % indicado para a dos professores. Assim, si, como me parece sufficiente para as necessidades actuaes, contassemos 100 grupos escolares, deveria haver 110 directores, todos com os vencimentos de 650\$000. Os directores seriam nomeados por escolha do Prefeito, dentre cinco nomes de professores, indicados pelo Director de Instrucção, de accordo com as informações sobre merecimento prestadas pelos inspectores escolares. Cem estariam na direcção dos Grupos e os 10 restantes exerceriam as funções de auxiliares dos directores (com a designação de especial de vice-directores), quer houvessem sido forçados a deixar a direcção, por se não terem revelado capazes, quer por que ainda não houvessem tido oportunidade de ser aproveitados.

Inspectores escolares. Constituiriam uma classe, cujo numero de cargos seria fixado por lei e dos quaes dois terços seriam preenchidos pela promoção por merecimento dentre os directores mais distinctos e experientes. O terço restante deveria ser de providos por concursos em que pudessem inscrever-se professores quaesquer, publicos ou particulares, do Districto Federal ou não, com o minimo de 5 annos de exercicio effectivo no magisterio primario, e maiores de 28 annos de idade. Só depois de dois provimentos por promoção se poderia promover o preenchimento por concurso.

Depois de dois annos de effectivo exercicio nenhum inspector perderia seu cargo sem processo administrativo. Si antes de decorrido este prazo, viesse a

ficar provada, em inquerito, a incapacidade intellectual ou a falta de criterio na inspecção por parte do inspector, este seria aproveitado nas funcções de director de um dos Grupos escolares, com os vencimentos destes. O nomeado por concurso, caso manifestasse incapacidade na direcção do grupo seria posto adido á Directoria Geral, para serviços burocraticos, entrando, posteriormente, na primeira vaga de cargo cujos vencimentos fossem iguaes ou immediatamente superiores aos de director de grupo.

Comquanto ainda devessem ser acrescentados pequenos detalhes e restricções, para melhor garantia do ensino e do pessoal, penso que o exposto basta para demonstrar que a organização acima proposta é superior não só á actual, como a varias outras que têm sido apresentadas, pois nella se pode conciliar a condição primordial de attender aos interesses do ensino com os tambem respeitabilissimos daquelles que são encarregados de transmitil-o.

Assim é que em relação á entrada para o magisterio assegura a capacidade dos docentes, pois seriam escolhidos os que houvessem dado prova de maior intelligencia e applicação na Normal ou os que a demonstrassem em concurso de provas. A adopção unica desta fórmula de selecção, que póde ter defeitos mas ainda é a melhor, apresentaria talvez a desvantagem de supprimir na Normal uma fonte de estímulos para os estudos.

O estabelecimento da melhoria de vencimentos pela fórmula indicada é mais justa e mais facil do que a promoção pela apuração real do merecimento, verdadeiramente impossivel, ou pelo menos sempre eivada de grandes injustiças, em corpo tão numeroso. Porque, a meu vêr, tudo quanto se tem proposto para torna-la justa (coefficientes preestabelecidos para cada especie de serviços, notas, em informações de conjuncto ou parceladas, com ou sem cadernetas de professor), além de perturbar profundamente o ensino, não passa em geral de meios mais ou menos engenhosos de substituir o criterio do conhecimento real do valor do docente por meras e cegas operações numericas. A imparcialidade e a exactidão quasi se limitam á fórmula invariavel de realizar a apuração das medias.

Mas, para que a automaticidade do

augmento não conduzisse (claro é que apenas em parte extremamente minima do corpo de adjunctos) ao desprezo pela siduidade e pela dedicação, propuz as as tres restricções acima formuladas.

A funcção de regencia ou direcção deixaria de ser um direito para o professor ou director, aos quaes ficaria apenas assegurado o direito á percepção dos vencimentos quando já as tivessem exercido por dois annos consecutivos. E' que, si por um lado só deve dirigir quem tiver e emquanto tiver capacidade, por outro não convém prejudicar os interesses de funcionarios que já tenham prestado serviços durante longos annos. Accresce ainda a circumstancia de que a fórmula proposta evita quasi completamente a possibilidade da administração (pelos inspectores, director de instrucção ou Prefeito) transformar a necessidade de impedir que as direcções continuem nas mãos dos inaptos em arma de perseguição ou compressão. No sentido indicado é que, a meu ver, deve ser feita a supressão da *cathedraticidade*, isto é, a da obrigação de só poder a Municipalidade utilizar os serviços dos professores cathedricos na regencia de escolas, a qual tem conduzido á proliferação de pequenas escolas, especialmente no centro urbano.

Talvez me objetem que a proposta oneraria mais os cofres municipaes do que a organização actual. A adopção dos typos definidos, indicados no começo deste artigo, viria baratear o preço por que sae cada alumno e augmentar ainda a eficiencia do ensino.

E' claro que na adopção do systema proposto se respeitariam os direitos adquiridos e que cada adjuncto entraria na classe de vencimentos a que lhe desse direito o respectivo tempo de serviço, apurado nas condições estabelecidas.

Taes são, em suas linhas geraes, as idéas que tenho defendido, quer em relatorios, exposições e officios, quer verbalmente, perante varios directores geraes, em relação ás classes, ás promoções e aos vencimentos.

As vantagens da tabella Lyra seriam mantidas quer para os que ainda não houvessem attingido aos limites aqui estabelecidos, quer para os actuaes docentes que já tenham, como os professores, os vencimentos para elles aqui consigna-

dos. Aliás, como disse no começo, as quantias aqui figuram mais para facilitar a apprehensão rapida do mecanismo e mesmo as relações do que com o fim de determinar rigorosamente o que cada categoria deve perceber.

Rio de Janeiro, 12 de Junho de 1924.

FRANCISCO F. MENDES VIANNA.

INSTRUÇÃO PUBLICA EM MINAS GERAES

Abrimos espaço, em nossas columnas, para a transcripção de trechos da mensagem do Presidente de Minas, que dizem respeito á instrucção primaria.

Documento de alta valia, não só pelas idéas que encerra, como pela autoridade de quem o subscrive, julgamos de nosso dever divulgar-o entre nossos professores, para provar-lhes que o ensino publico está, felizmente, preocupando a attenção dos homens de responsabilidade.

Compreendeu-se, afinal, que, em nosso paiz, o problema capital é, inquestionavelmente, o da instrucção popular, e por isso mesmo deve estar elle permanentemente em ordem do dia.

O exemplo do sr. Raul Soares centralizando o movimento em prol de instrucção é digno de registo e, estamos certos, e não ficará sem imitação.

Graças a seu estímulo e iniciativa, fez-se effectiva a contribuição do municipio em diffusão do ensino; incrementaram-se as caixas escolares, remodeladas; construíram-se predios escolares para installação de novas escolas.

E, multiplicando-as, S. Ex. as provê de material abundante, interessado que está em intensificar-lhes a frequencia, que é realmente o indice exacto de eficiencia do ensino.

Outros problemas pedagogicos são ainda ventilados com acerto na mensagem, mostrando em quem a traçou familiaridade no assumpto e convicções ha muito assentadas.

Nem outra orientação era de esperar, tratando-se de um politico constructor, que trabalha confiante no progresso e de olhos voltados para o futuro, sem se impressionar com a aridez do presente.

Com tal escopo, S. Ex. nada poderia fazer de melhor de que zelar pelo ensino, porque como disse o insigne Angelo Patri, confiar no futuro é confiar na criança.

No Governo tenho dado ao ensino popular o cuidado que lhe prometti na minha plataforma.

Ninguém ignora, entretanto, a diffi-

culdade da solução do problema em territorio tão vasto e de população tão disseminada.

Não ha negar que depende de tempo e de recursos. Cumpre, pois, agir sem desfallecimentos, realizando com apuro a tarefa do momento presente que os vindouros continuarão até que se ultime a grande obra.

Em harmonia com esse pensamento meu governo tem buscado por todos os meios ao seu alcance dar incremento ao ensino popular.

Medidas que se afiguravam adequadas para esse fim foram postas em pratica e está na consciencia publica a convicção de que não resultaram inoperantes.

Não basta, effectivamente abrir escolas e franqueal-as á matricula. A frequencia é a questão capital, aggravada no momento pela carestia da vida e pela penuria economica das grandes familias rurales.

Não parece que por meios coercitivos, como a prisão de pais ou responsaveis, instituída na lei n. 800, de 1920, se obtenha assiduidade dos alumnos. As penas severas caducam por inapplicação e desuso.

A frequencia se conseguirá antes por esforço educativo constante, penalidades brandas e meios suasorios indirectos.

A incuria e a inaptidão didactica do professor, bem como o desapparelhamento de material de ensino, afugentam tambem a população escolar.

Mas pela fiscalização dos inspectores technicos se vai melhorando a situação do corpo docente, punindo-se os máos professores, estimulando se os bons e proporcionando-se aos novos ensejo de receberem aprendizagem didactica dos proprios inspectores ou em estabelecimentos que lhe são designados.

O aparelhamento do material escolar não tem sido descurado, para que a eficiencia do professor seja cada vez maior.

Além de pôr em pratica essas medidas procurou o Governo despertar a attenção geral para a escola, interessando nesta o povo, quer pela celebração de solemnidades commemorativas de motivos patrioticos, como o primeiro centenario do governo provincial, festejado em

todos os estabelecimentos de ensino, quer pela organização e reerguimento das caixas escolares.

Não terá passado despercebido o caloroso concurso das camaras, dos funcionarios do ensino e de particulares á resurreição dessas caixas, que inestimaveis serviços prestam.

Mas, sobre depender de tempo e de recursos, a instrucção popular é encargo que não póde ser attribuido sómente á acção isolada do Estado e exige a collaboração do governo federal e municipal.

Estou convencido de que este é um campo de eleição para a convergencia de esforços dos tres governos, ensaiado com tanto exito em relação a outras materias.

Quanto ao concurso das administrações locais, lembrado na minha plataforma como um dos assumptos de maior interesse a tratar no Congresso das Municipalidades, teve neste, como eu esperava, o merecido acolhimento.

As providencias que se ajustaram na memoravel assembléa tendentes a coordenar os movimentos do Estado e dos municipios em perfeita synergia têm provado bem na experiencia de um anno apenas.

Elevam-se a 736:897\$000 e..... 48:479\$000 as verbas votadas por Camaras Municipaes, respectivamente, para manutenção de escolas primarias e auxilio ás caixas escolares, cumprindo notar que esses algarismos se referem apenas ás municipalidades que fizeram communicações á Secretaria do Interior, sendo possivel que outras, em identicas condições, tenham deixado de dar conhecimento áquella Secretaria.

Está recebendo os ultimos retoques o novo regulamento de instrucção publica, em que se attenderão ás necessidades palpitantes no ensino manifestadas na pratica do actual.

Para o lugar de director de Instrucção Publica nomeei, por acto de 2 de Junho ultimo, o Dr. Lucio José dos Santos.

CAIXAS ESCOLARES

Não foi em vão, como se viu, o appello do Governo aos funcionarios do ensino, ás Camaras Municipaes e o povo em favor das caixas escolares.

Os estabelecimentos de ensino primario são em grande parte frequentados pela população mais desprovida de recursos.

Para despertar nesta o amor á escola e attrahir alumnos, alimentando a frequencia, a caixa escolar é factor relevante. Assiduidade do alumno não depende somente de sua vontade, senão tambem da possibilidade.

Não basta fornecer o mestre: são indispensaveis o pão, a roupa, o livro e o proprio medicamento. Tal é a obra que se vai realizando e em movimento crescente.

Em 1922 havia no Estado 163 caixas escolares, cuja acção não lhes deixava perceber a existencia.

Nutriam-se da receita official, advinda das perdas de vencimentos do professorado, como se verifica dos 562 balancetes enviados; Secretaria do Interior.

A receita attingio a 12:984\$205 e somente se despenderam 3:921\$803.

Em execução de meu pensamento recommendei que se puzessem em pratica medidas tendentes a despertar da lethargia esses beneficios propulsores do ensino.

O resurgimento das caixas não se fez esperar. Em 1923 reorganizaram-se 22, fundaram-se 4 e o numero de balancetes subio a 1.105.

A receita que em 1922 foi a 12:984\$205, subio a 199:389\$683, tendo sido desta dispendidos 74:133\$228 em proveito de alumnos pobres, quando em 1922 sómente se gastaram 3:921\$803.

Para o corrente exercicio passou um saldo de 125:256\$455, ao qual se devem accrescentar 48:479\$000 de contribuições votadas pelas camaras municipaes.

Ficou dest'arte elevado a..... 178:285\$455 o saldo inicial do exercicio corrente.

CONSELHO SUPERIOR DE INSTRUCÇÃO

Perante o Conselho Superior da Instrucção, que continúa subordinado ao regulamento approved pelo decreto n. 3.191, de 9 de Junho de 1911, foram instaurados 19 processos disciplinares, 5 para verificação de incapacidade physica

e 10 referentes a livros e apparatus didacticos.

Realizou o Conselho oito sessões, tendo discutido e julgado 26 processos, dos quaes 6 sobre livros didacticos e 20 sobre materia disciplinar.

Dos processos disciplinares resultou a applicação das seguintes penas: exonerações, 5; remoções, 6; suspensão, 1.

O Conselho absolveu 2 accusados, converteu em diligencia 3 julgamentos, opinou pelo archivamento de um processo e adiou o julgamento de 2.

MOVIMENTO ESCOLAR

Funcionaram, no 1º semestre do anno transacto, 147 grupos urbanos, com 1.205 classes; 36 districtaes, com 194 classes; 212 escolas urbanas; 897 districtaes; 650 ruraes; 32 nocturnas e 2 infantis, com 13 classes.

Matricularam-se 188.091 alumnos, sendo 103.484 masculinos e 84.607 femininos.

A frequencia accusou os algarismos de 101.141, ou 53.516 alumnos masculinos e 47.825 femininos.

A porcentagem da frequencia sobre a matricula foi 53,77.

Não funcionaram os grupos urbanos de Campestre, Jacuhy e S. Manoel e o districtal de Santo Antonio do Amparo, bem como 6 escolas urbanas, 69 districtaes, 187 ruraes e 2 nocturnas.

No 2º semestre funcionaram 149 grupos urbanos, com 1.217 classes; 35 districtaes, com 190 classes; 203 escolas urbanas; 916 districtaes; 692 ruraes; 30 nocturnas e 2 infantis com 13 classes.

A matricula subio ao total de 201.198 alumnos — 110.766 maculinos e 90.432 femininos.

A frequencia attingio 107.080, sendo 56.566 masculinos e 50.516 femininos.

A porcentagem da frequencia sobre a matricula foi de 53,22.

Não funcionaram nesse semestre 3 grupos urbanos; 2 districtaes; 4 escolas urbanas; 47 districtaes; 148 ruraes, e 2 nocturnas, que foram convertidas em diurnas.

Cumpre salientar que a porcenta-

gem da frequencia parece, á primeira vista, inferior á de muitos outros Estados. Não é assim. O nosso systema de computal-a consiste em só considerar frequentes os alumnos que, «no minimo», compareçam a quinze lições em cada mez do anno lectivo; ao passo que o systema geralmente adoptado divide o numero de presenças pelos dos alumnos. Se este systema fosse o nosso, a porcentagem de frequencia expressar-se-hia por um quociente muito mais consideravel.

A impressão deixada pela leitura dos relatorios dos inspectores regionaes, sobre o funcionamento dos grupos escolares e das escolas singulares, a partir das medidas que o governo tomou para levantar-lhes a frequencia e cohibir abusos que vinham entrandando a marcha do ensino, é bastante satisfactoria, porque muitos institutos cuja organização, na primeira visita do fiscal, era desoladora, melhoraram consideravelmente.

Nos primeiros mezes do anno passado, quando iniciaram os regionaes o serviços nas novas circumscrições, inumeras foram as syndicancias abertas sobre causas determinantes de infrequencia em escolas e grupos, verificando-se na maioria dos casos, serem oriundas da incompetencia e da desidia dos professores.

Agindo o Governo energica e persistentemente na punição dos culpados, ora suspendendo o ensino nas escolas e exonerando, quando possivel os professores incapazes ou relapsos, ora submettendo a processo disciplinar os que eram indemissiveis, ou expedindo officios de admoestação ou de reprehensão, nos casos menos graves, conseguiu implantar nos ditos estabelecimentos o regimen da ordem.

Registro com prazer que já este anno poucos processos de investigação sobre infrequencia têm occorrido e, em menor quantidade, são os referentes á desidia dos professores no cumprimento de seus deveres.

Notavel é ainda a diminuição dos processos disciplinares perante o Conselho Superior.

Não resta duvida que os nossos estabelecimentos publicos de ensino estão funcionando, actualmente, com mais ordem, regularidade e proveito.

O resultado dos exames foi o que segue: approvedos no 1º anno — 29.484

alunos, contra 26.734 no anno anterior; no 2º, 18.421, contra 16.777; no 3º, 10.109, contra 8.929, e no 4º, 5.914, contra 4.836.

INSPECÇÃO DO ENSINO

A inspecção do ensino, que esteve em decadencia, age actualmente com satisfactoria efficacia na missão de levar aos professores primarios as luzes de sua experiencia.

Para isto concorreram varios factores, entre os quaes sobreleva o augmento do numero de circumscripções litterarias, a fiscalização dos serviços dos regionaes, a divisão methodica do trabalho, e, finalmente, a entrada de novos elementos em substituição de velhos funcionarios incompatíveis com o regimen actual de roteiro fiscalizado.

Hoje, só em casos muito especiaes são os inspectores incumbidos de desempenho de serviços fóra do perimetro de suas circumscripções. Realizam, dest'arte, as viagens traçadas no roteiro, sem se preocupar com os outros misteres em que antigamente costumavam ser distrahidos.

De Junho do anno passado a 31 de Maio deste anno, dez mezes de serviço inclusive ferias, deram entrada na Secretaria do Interior mil e oitocentos (1.800) relatorios, referentes a commissões especiaes e á fiscalização de escolas singulares, de grupos escolares e de escolas normaes. Diversos inspectores visitaram todos os estabelecimentos de ensino de suas circumscripções.

Devo salientar que sómente pela fiscalização dos inspectores regionaes tem podido o Governo impedir as fraudes de frequencia das escolas a inassiduidade e a frouxidão de professores.

A experiencia mostra que as autoridades locais raramente se occupam com este aspecto importantissimo da questão escolar, como tanto convinha aos interesses do Estado.

As relações pessoas do meio so-

cial em que vivem e a preocupação absorvente de suas profissões não lhes permitem a vigilancia necessaria, nem a liberdade de acção para pesquisa.

Foi convencido disto que o Governo determinou a seus funcionarios a abertura de processos de syndicancia sempre que verificassem profundo desnivel entre a matricula e a frequencia.

Desta deliberação, inflexivelmente observada, varios proveitos resultaram. Foram exonerados e punidos, de accôrdo com os preceitos regulamentares, professores negligentes ou ineptos, e suspensas escolas, cuja permanencia não se justificava, por falta de alumnos.

Transferindo-se para outras localidades, em que o meio escolar as reclamava, o Governo soube, assim, aproveitar com acerto a dotação orçamentaria.

GRUPOS ESCOLARES

Funcionam actualmente 194 grupos, sendo 9 na Capital, 159 em outras cidades e villas e 26 em sédes de districtos.

No anno passado eram 142 os grupos de cidades e villas.

O augmento provém não só da installação de novos, como da transformação de outros, por força da lei n. 843, de 7 de Setembro de 1923, que elevou a categoria de villas as sédes dos districtos em que estavam realizados.

Assim, passaram a figurar como de villas os grupos escolares de Bicas, Carandahy, Mathias Barbosa, Mirahy, Cachoeiras, Borda da Matta, Coryntho e Santa Catharina.

Installaram-se os de Fructal, Tiradentes, Caldas, Varginha e Mattosinhos. Estão em organização e devem funcionar ainda neste anno os de Manhuassúe Tres Pontas.

ESCOLAS SINGULARES

E' de 2.052 o numero de escolas singulares actualmente existentes.

LEQUES FINOS para noivas,
LUVAS e artigos, de novidade na

Casa Cavanellas, Ouvidor, 178

MOVEIS DE ARTE

Decorações interiores

Tapetes modernos

Tendo em vista a qualidade, os nossos preços são **SEMPRE OS MENORES**, porque tudo fabricamos ou directamente importamos.

LEANDRO MARTINS & C^ª

93 — Ouvidor — 95 41 — Ourives — 43

VILLA DE PARIS

Uniformes e enxovaes para collegiaes
Camisaria - Gravataria Roupas
feitas - Tecidos de lã e algodão

35, RUA DOS OURIVES, 35

RUA BUENOS AIRES, 76 - Rio

DE ENSINO E EDUCAÇÃO

da Prof. Maria Amélia Daltro Santos

Volume de 167 paginas, repleto de commentarios e suggestões sobre assumpto pedagogicos referentes á nossa instrucção primaria, vasados em estylo leve e offerecendo uteis observações

A' venda nas principaes livrarias e na Redacção d' «A ESCOLA PRIMARIA». Preço 2\$000 Porte franco pelo correio.

UNIÃO MANUFACTORA DE ROUPAS

Proprietaria das maiores fabricas de roupas brancas da America do Sul
(Sociedade Anonyma)

CAPITAL INTEGRALIZADO 1.500:000\$000

FABRICAS:

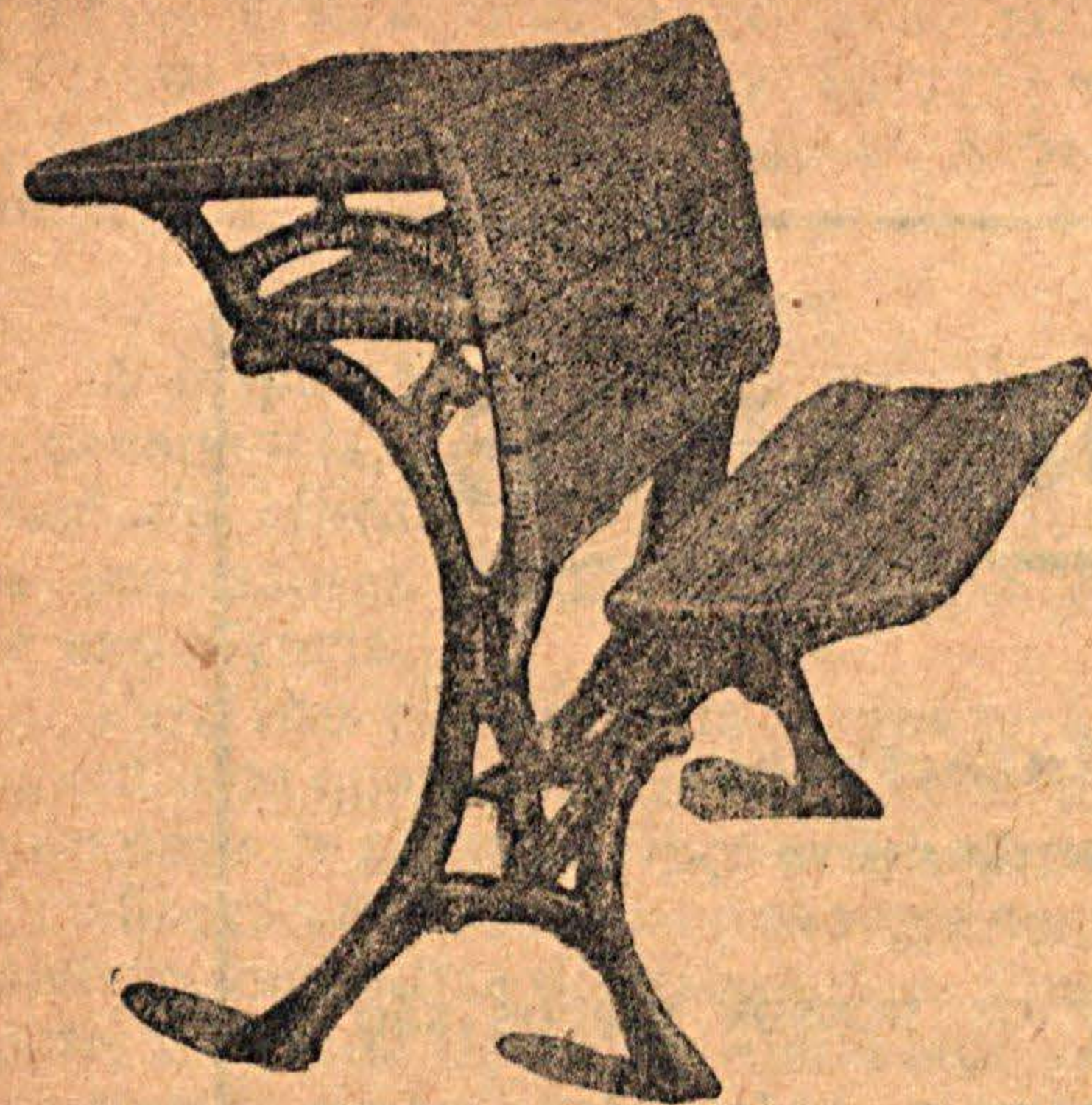
RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412—RUA GONÇALVES CRESPO, 43 e 45

RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Departamento de Vendas Geraes—RUA DR. ARISTIDES LOBO, 94 e 96

Escriptorio—RUA HADDOCK LOBO, 406, 408, 410 e 412

Carteira Escolar Modelo "Ypiranga"



Comprehendem 5 vantagens :

**Durabilidade—Protecção—
Apparencia—Elegancia—
Economia**

PEÇAM CATALOGO ILLUSTRADO

FABRICANTES :

José Refinetti & Comp.

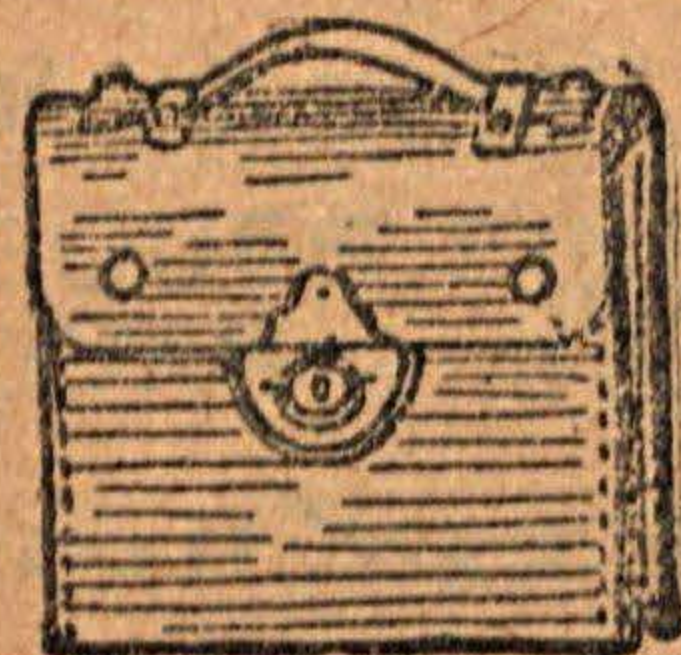
Av. Rangel Pestana, 128 == S. PAULO
— Caixa Postal n. 486 —

SAPONACEO



ASSEIO DAS
COZINHAS

Fabricação especial de
pastas para collegiaes



CAIXA POSTAL 2.223

Casa Scorel

ARTIGOS PARA COLLEGIAES
RUA JOSÉ BONIFACIO, 18
S. PAULO

II. — A ESCOLA

Dos complementos numericos

LIÇÕES PARA AS CLASSES PRIMARIAS

I

Dentre tantas coisas uteis e praticas da Arithmetica e que o professor primario pode sem grande difficuldade ensinar aos seus discipulos, figura a applicação dos complementos numericos ás operações fundamentaes do calculo.

Poucos são entre nós os livros didacticos que expõem as noções sobre os complementos numericos, e em menor numero ainda, os que ensinam o seu emprego systematico á solução d'aquellas operações.

Devemos encarar ainda a necessidade do estudo destes complementos sob o ponto de vista da belleza de suas combinações numericas, que constituem verdadeiros jogos recreativos para a criança. Convencido, pois, da sua dupla utilidade no ensino do calculo nas escolas primarias, tive a lembrança de coordenar nas linhas que seguem, sob a forma de lições praticas, as noções sobre o emprego de complementos nas quatro primeiras operações da Arithmetica.

Definições

Chama-se *complemento de um numero dado em relação a outro tambem dado*, o que falta ao primeiro desses numeros para se ter o segundo. Assim, o complemento de 13 em relação a 20, é 7, pois $20 = 13 + 7$. Portanto, para se obter o complemento de um numero em relação a outro, basta que se subtraia desse numero aquelle outro, como no exemplo dado :

$$7 = 20 - 13.$$

Chama-se *complemento basilar de um numero*, ou simplesmente, *complemento de um numero*, o que falta a esse numero para se ter uma unidade de ordem immediatamente superior ao algarismo da esquerda desse mesmo numero. Assim, o complemento de 34 é 66, por-

que $34 + 66 = 100$ ou *uma centena*, que é a unidade de ordem immediatamente superior ao algarismo da esquerda do numero dado, isto é, superior ás suas 3 dezenas ou 30 unidades.

Alguns autores denominam de *arithmeticos* a estes complementos, denominação esta que julgamos de certo modo impropria, pois *arithmeticos* ou *numericos* podem ser denominados tanto aquellos como estes.

Para se obter com rapidez e mentalmente o complemento de um numero dado, é sufficiente subtrahir-se mentalmente de 10 o seu primeiro algarismo significativo á direita e os restantes de 9.

Representaremos abreviadamente no decorrer das nossas lições os complementos pela notação *Cpl.* (que se lê — *complemento de...*) Assim, temos o complemento de 1342 :

$cpl. 1342 = 8658$, que se obteve mentalmente do seguinte modo :

$$\begin{array}{r} 9, 9, 9, 10 \\ 1, 3, 4, 2 \\ \hline 8, 6, 5, 8 \end{array}$$

Emprego dos complementos nas conversões de operações

A maior vantagem que se tira do emprego dos complementos consiste na conversão da subtracção em somma, que é exactamente o fim principal da sua theoria, donde resulta ficarem a subtracção e a divisão simplificadas nos seus processos, pois é muito mais facil sommar do que subtrahir.

Da conversão da somma em subtracção

Supponhamos que se queira converter a somma $734 + 524$ em uma subtracção.

$$734 + 524 = 734 - (1000 - 524) + 1000,$$

porque temos evidentemente desta egualdade

$$\begin{aligned} (1) \quad & 734 + 524 = 734 - 1000 \\ & + 524 + 1000 \quad \text{ou a identidade} \quad 734 \\ & + 524 = 734 + + 524. \end{aligned}$$

A igualdade (1) pode ser escripta tambem do modo seguinte :

$$734 + 524 = (734 + 1000) - (1000 - 524), \text{ ou melhor, } 734 + 524 = 1734 - \text{cpl. } 524, \text{ ou finalmente, } 734 + 524 = 1734 - 476, \text{ que nos dá a identidade de } 1258 = 1258.$$

Do exposto podemos concluir a seguinte regra para converter uma somma em subtracção.

Regra : — *Para se converter uma somma* em subtracção, junta-se mentalmente a uma das parcelas dadas a unidade em relação á qual se deve obter o complemento da outra parcella, tirando deste resultado o complemento da segunda parcella.*

Da conversão da subtracção em somma

Consideremos agora o caso mais vantajoso, a conversão da subtracção em somma. Assim, seja a subtracção 2432 — 478 para ser resolvida por uma somma. A seguinte igualdade nos mostra facilmente o meio de fazer a conversão pedida :

$$(2) \quad 2432 - 478 = 2432 + (1000 - 478) - 1000, \text{ donde resulta evidentemente}$$

$$2432 - 478 = 2432 + 1000 - 478 - 1000 \text{ ou a identidade } 2432 - 478 = 2432 - 478. \text{ A igualdade (2) pode ser tambem collocada sob a forma } 2432 - 478 = 2432 + \text{cpl. } 478 - 1 \text{ milhar, ou dando a disposição usada na pratica :}$$

$$\begin{array}{r} 2432 \\ + 522 \\ \hline 1954 \\ + 478 \\ \hline 2432 \\ - 478 \\ \hline 1954 \end{array} \text{ ou ainda}$$

$$2432 - 478 = 1954, \text{ que é a disposição mais seguida.}$$

(*) Em virtude da propriedade associativa da addicção, uma somma de qualquer numero de parcelas pode ser substituida por outra que tenha somente duas parcelas.

(*) Este signal escripto sobre o algarismo 1 indica que devemos subtrahir mentalmente 1 milhar da somma obtida.

Podemos, pois, do exposto, formular a seguinte regra para converter uma subtracção em somma.

Regra : — *Para se converter uma subtracção em uma somma, junta-se ao subtrahendo o complemento do subtractor e do resultado tira-se mentalmente a unidade em relação á qual se deve obter o complemento do subtractor.*

Exercícios e suas soluções

1.º— *Achar, de modo mais rapido e sem effectuar subtracção, o valor da seguinte expressão :*

$$342 - 524 + 753 - 310 + 814 - 556 + + 732 - 232 + 56 - 8 + 12 - 24.$$

Nesta expressão ha 12 termos, 6 positivos ou additivos e 6 negativos ou subtractivos. Praticamente e de acordo com a ultima regra dada, podemos resolver, como mostra a disposição abaixo, tomando os complementos aos termos negativos, o exercicio proposto :

$$\begin{array}{r} 342 \\ 1476 \\ 753 \\ 1690 \\ 814 \\ 1444 \\ 732 \\ 1768 \\ 56 \\ 12 \\ 12 \\ \hline 176 \end{array}$$

Somma : 1055

2.º — *Resolver pela somma a subtracção 532—742.*

Evidentemente o resultado desta subtracção é negativo, pois o subtrahendo é menor que o subtractor, o que nos leva a afirmar ser arithmeticamente impossivel a solução do exercicio dado, porque não podemos tirar um numero maior de um menor. Neste exemplo foi-nos facil achar logo a impossibilidade da solução, mas em se tratando de uma expressão numerica mais complexa, nem sempre poderemos garantir á priori essa impossibilidade, porque não nos é facil

saber, á primeira vista, qual a somma maior — se a positiva ou a negativa. Como um exemplo de expressão mais complexa apresentamos a seguinte: 73 — 142 + 205 — 193 + 28 — 56 + 143 — 384. Resolvendo esta expressão pela applicação dos complementos, temos :

$$\begin{array}{r} 73 \\ 1858 \\ 205 \\ 1807 \\ 28 \\ 144 \\ 143 \\ \hline 1626 \end{array}$$

Somma : 1684, resultado que indica claramente ser negativo o valor da expressão acima.

Para se ter a solução algebrica da expressão dada, basta tomar o complemento ao numero 684 e dar ao resultado o signal —. Assim, temos :

$$73 - 142 + 205 - 193 + 28 - 56 + + 143 - 384 = 1, 684 - \text{cpl. } 684 = - 316.$$

3.º— *Resolver, pela applicação dos complementos, a expressão* $32 \times 15 - 17 \times 15 + 72 \times 15 + 28 \times 15 + 8 \times 15 - 36 \times 15 + 48 \times 15 - 94 \times 15 + 204 \times 15$

Ao primeiro exame a esta expressão descobre-se um factor commum aos seus termos, que é o numero 15. Colocado este factor em evidencia, isto é, fóra de um parenthesis e dentro do mesmo, a expressão formada pelas diferentes quantidades que elle multiplica, achamos :

$$32 \times 15 - 17 \times 15 + 72 \times 15 + 28 \times 15 - 8 \times 15 - 36 \times 15 + 48 \times 15 - 94 \times 15 + 204 \times 15 = * 15 (32 - 17 + 72 + 28 - 8 - 36 + 48 - 94 + 204)$$

(*) Para se multiplicar uma expressão numerica por um numero positivo, multiplica-se cada termo da expressão por esse numero, conservando a expressão resultante os mesmos signaes da expressão dada. A sua reciproca é igualmente verdadeira. Portanto verdadeira é tambem esta igualdade.

Fazendo applicação dos complementos á expressão collocada dentro do parenthesis, resulta :

$$\begin{aligned} & 15 (32 - 17 + 72 + 28 - 8 - 36 + \\ & \quad + 48 - 94 + 204) = \\ & = 15 (32 + 183 + 72 + 28 + 12 + \\ & \quad + 164 + 48 + 106 + 204) = \\ & = 15 \times 229 = 3435 \end{aligned}$$

(Continúa).

Manãos, Maio de 1924.

ABILIO DE BARROS ALENCAR.

Lente da Escola Normal de Manãos.

Verbos aparentemente irregulares

5º ANNO

Bem conhecidos os verbos regulares, estudados no 4º anno, passemos a tratar dos aparentemente irregulares.

— Waldyr, venha ao quadro e escreva :

- «Brinco com minhas collegas.»
- «Brincou tanto que cançou.»
- «Brincamos com peteca.»

Que observou, Waldyr, no verbo brincar ?

— Que, nesses tempos, foi empregado regularmente.

— Muito bem. Escreva, agora :

- «A menina toca piano.»
- «A professora tocou o tympano.»
- «Durante a missa tocarão órgão.»

— Que reparou Waldyr ?

— Que o verbo tocar, nesses tempos, foi tambem empregado regularmente.

— Pois bem ; escreva, então :

- «Brinquei muito no recreio.»

«Quero que brinques com proposito.»

«Não brinques com fogo.»

—Que observou, agora?

—Que o verbo brincar nesses tempos soffreu alteração.

—Qual foi a alteração?

—Mudou a letra C em QU.

—Exactamente. Venha, Yolanda, escrever :

«Toquei violino durante a festa.»

«Não quero que toques no assumpto.»

Que reparou, você, Yolanda, no verbo tocar?

—Que tambem mudou a letra C em QU.

—E que reparou mais?

—Que, como o verbo brincar, mudou a letra C em QU—antes de E e que antes de A e de O ella foi conservada.

—Pois bem: fiquem, vocês, sabendo que todos os verbos terminados em CAR mudam a letra C em QU antes de E.

—José, escreva :

«Comecei a aula de modelagem.»

«Cacei uma capivara.»

«Tracem uma linha recta.»

Que verbos foram empregados nessas tres phrases?

—Os verbos: começar, traçar e caçar.

—Que observou?

—Que a letra C perdeu a cedilha em todos os tempos empregados.

—E que letra seguia a letra C?

—E.

—Pois bem; em todos os verbos terminados em CAR o C perde o cedilha antes de E.

—Hercilia, escreva :

«Carreguei um fardo pesado.»

«Não peguem em armas sem motivo.»

«Espero que me pagues a conta.»

Que verbos terminados em GAR ha nessas phrases?

—Carregar, pegar e pagar.

—Que notou Hercilia?

—Que todos tres verbos tomaram U antes de E.

—Exactamente. Ficamos, então sabendo que os verbos terminados em GAR tomam U depois de G antes de E. Escreva, Abilio :

«Fui passear com meu padrinho.»

«Vim cear contigo.»

Esses verbos—passear e cear—bem como todos os terminados em EAR quando, conjugados no Presente do Indicativo e do Subjunctivo (com excepção da 1ª e 2ª pessoas do plural) e na 2ª do singular do Imperativo, tomam I depois de E.

Ex: «Passeio aos domingos.»

«Passeias muito.»

«Ruth passeia.»

«Os meninos passeiam.»

«Passeia, Zoé, que te fará bem.»

«Ceio todas as noites.»

«Não dormes bem, porque ceias muito.»

«Evandro ceia conosco.»

«Ceia com moderação, Ary.»

Nas demais pessoas desses tempos e, em todas dos outros tempos, os verbos terminados em EAR são conjugados sem I.

Compreendeu, Abilio?

—Sim, senhora.

—Agora vou falar dos verbos terminados em IAR: esses verbos são regulares e podem ter por paradigma o verbo—principiar.

Todavia, alguns fazem excepção, soffrendo alteração, isto é, recebendo E antes da ultima vogal do thema nas mesmas pessoas, dos tempos em que os verbos terminados em EAR soffrem alteração. Ex:

Odiar, incendiar, obsequiar, remediar, agenciar e muitos outros que a pratica fará conhecer melhor.

Assim, dizemos:

«Odeio o jogo.»

«Odeias teu collega, sem razão.»

«Os criminosos incendeiam as casas.»

«Obsequia, que serás retribuido.»

«Espero que você remedeie o mal.»

«Agencia meu negocio, que te pagarei bem.»

Agora, passemos a tratar dos verbos da 2ª conjugação.

«Venha ao quadro, Nelma e escreva:

«Aborreço-me com os alumnos vadios.»

«Favoreça aos necessitados.»

Repare que os verbos aborrecer e favorecer foram conjugados com o C cedilhado e, isso, só acontece quando a letra C vem seguida de A ou de O. Escreva:

«Protejo os infelizes.»

«Elejam as commissões.»

Que verbos ha nessas phrases?

—Proteger e eleger.

—Que reparou nelles?

—Que a letra G foi substituida por J antes de O e de A.

—Pois bem; todos os verbos terminados em GER mudam o G em J antes de O e do A.

Agora, escreva:

«Sigo meu caninho.»

«Sigamos os bons exemplos.»

Qual o verbo dessas phrases?

—O verbo seguir.

—Que observou, Nelma?

—Que em ambos os tempos o verbo perdeu a letra U.

Perfeitamente. Ficamos, então sabendo que os verbos terminados em GUIR perdem o U antes de A e de O.

Jandyra, escreva:

«Fujo das más companhias.»

«O professor quer que dirijas o canto.»

Repare que os verbos fugir e dirigir mudaram o G em J porque a elle seguia A e O.

Pois bem; tal mudança se dá em todos os verbos terminados GIR.

Agora todos prestem bem a attenção ao resumo que vou fazer:

Os verbos terminados em CAR

mudam o C em QU antes de A e de O; os terminados em GAR tomam U depois de G quando se seguir E; os terminados em EAR tomam I depois de E no Presente do Indicativo e do Subjunctivo (com excepção da 1ª e 2ª pessoas do plural) e na 2ª pessoa do Imperativo, alguns terminados em IAR recebem E antes da ultima vogal do thema nas mesmas pessoas dos tempos em que os verbos terminados em EAR soffrem alteração; os terminados em CER tomam cedilha antes de A e de O; os terminados em GER mudam G em J antes de A e de O os terminados em GUER perdem o U antes de A e de O; os terminados em GIR mudam o G em J antes de A e de O.

Essas pequenas alterações que taes verbos soffrem não constituem, propriamente, irregularidade e, por isso, são chamados *verbos aparentemente irregulares*.

DEJANIRA RAMOS DE AZEVEDO RABOeira.

Da Escola Ramiz Galvão.

Tres palavrinhas

Gracil. — As palavras terminada em *il* são, de regra, oxytonas, não ha d^os vida. Exemplo: *Abigail, Abril, alcantil, anil, ardil, barril, buril, canil, cantil, covil, funil*, etc. entre os substantivos, e *civil, incivil, fabril, febril, feminil, gentil, imbecil, infantil, juvenil, mercantil*, etc. entre os adjectivos. Mas ha numerosas excepções entre os adjectivos: *facil, gracil, habil, inhabil, agil, portatil, versatil, volatil, debil, flebil, pensil, ignobil, util, futil, inutil, inconsutil*, e duas entre os substantivos: *projectil* e *reptil*.

Duas das excepções, porém, frequentemente as vemos, na linguagem descuidada dos menos versados, incluídas na regra geral. São *pensil* e *gracil*. Da primeira não me quero occupar, pois é menos usada na linguagem quotidiana. Quero falar é de *gracil*.

A correcta pronuncia é *grá cil*, accento tonico em *gra*, mas ouve-se correntemente *gracil*, accento em *cil*.

Curioso e digno de nota é que

uma corrente, entre o povo menos culto, tende a substituir, na pronuncia, a terminação *il* breve, dos adjectivos, pela terminação *el*, equiparando *facil*, *gracil*, etc. aos adjectivos em *vel*: *amavel*, *incrivel*, etc. Outra corrente tende a substituir *el* por *il*: *amávil*, *incrívil*, etc.

De tres correntes contradictorias, coexistindo na mesma época e no mesmo povo ha muitos exemplós na historia das linguas.

Emfim... *grácil* sempre, e não *gracil*.

Decano.— Não se pode, legitimamente, admittir que haja hesitação nesta palavra. Ainda dispensada qualquer allusão á forma latina, não se poderia comprehender, se verdadeira fosse a accentuação *décano* (absolutamente erronea, injustificavel e indesculpavel) a forma divergente *deão*, corrente em portuguez.

Os que dizem *décano* (forma erronea) cedem a um impulso muito observavel: o que experimenta o povo de fazer proparoxytonas as palavras que se lhe não deparam muito amiude. Portanto, *decão* sempre e não *décano*.

Arcano.— A proposito deste vocabulo, o mesmo que acima disse, quanto á tendencia do povo, de tornar esdruxulas certas palavras. Não pode haver sombra de duvida: é *arcão*, e não *árcano*. A forma *árcano* é errada e imperdoavel.

Por falar em *arcano*: sabem donde nos vem esta palavra? De *arca*. Mas como? E' que na arca se guardam os segredos. Na Arca tinham os hebreus as Taboas sagradas. Da historia sagrada, pois, nos veio o termo.

MESTRE-ESCOLA.

Nosso sorteio mensal

O sorteio do premio correspondente ao mez de Julho terá logar em 14 de Agosto, ás 16 horas, na redacção desta revista e consistirá em uma collecção completa d' "A Escola Primaria".

O premio do 2º sorteio, a realizar-se em 15 de Setembro será uma assignatura annual da revista franceza "L'Ecole et la Vie".

O maior tonico da fadiga nervosa, da fadiga cerebral, da surmenage em geral

KOLATENO

E' o summum dos principios activos da NOZ DE KOLA FRESCA, a que se acham associados o MALTE e o PHOSPHATO DE SODIO.

DOSES: 2 a 4 colheres das de chá por dia, puras ou diluidas em meio calice d'agua.

III - LIÇÕES E EXERCICIOS

EDUCAÇÃO DO HOMEM E DO CIDADÃO

Deveres do cidadão

Continuação

Quanto mais meditardes, meus amigos, mais claramente vereis que enorme e muito verdadeira é essa obrigação a que me referi por ultimo, a de defender com as armas a patria.

Em vão pregam os utopistas da paz e do desarmamento, não conseguirão apagar o perigo da guerra, porque não arrancarão do coração dos homens o egoismo, a ambição desordenada, nem a faculdade de odiar. A humanidade vae melhorando, mas a perfeição é um limite inatingivel: para elle vae ella tendendo, mas jamais o alcançará.

quelles que nos invejam e que se podem tornar inimigos.

Impossivel seria manter a nação, perennemente em armas, uma força tão numerosa, que a todo momento estivesse preparada para repellir o inimigo. Seria necessario centuplicar as despesas e o onus seria pesadissimo. Por isso, só se mantem effectivamente no serviço das armas um minimo indispensavel. Mas por outro lado multiplicam-se os meios e as occasiões de ensino das coisas da guerra: faz-se a instrucção militar nas escolas de rapazes, organizam-se sociedades para essa aprendizagem, exige-se do cidadão, em varias circumstancias da vida, que mostre ter passado por esse estudo indispensavel.

A vida dos Estados é como a dos homens: estes têm o direito de matar no caso da defesa natural; aquelles têm o direito de fazer a guerra para a conservação propria.

MONTESQUIEU — Do Espirito das Leis

Demais se se tem de fazer o desarmamento geral, que o comecem as grandes nações, que constituem só por si ameaça e espantallo para as demais, menos providas de aparelhamentos bellicos.

Para que a nação possa ser defendida no momento opportuno, será necessario que mantenha permanentemente adextrados os cidadãos no manejo das armas. D'ahi a necessidade de forças armadas e do serviço militar.

As forças armadas permanentes constituem o primeiro nucleo, prompto para entrar em lucta a qualquer momento, e incumbido de conservar em toda a eficiencia o aparelhamento da defesa nacional.

A força armada não existe tanto para fazer a guerra, muito mais para afastar-lhe a possibilidade. Com uma força sufficientemente numerosa e bem preparada, manteremos em respeito a-

Out'ora, só os soldados profissionaes tomavam parte na guerra, e eram sufficientes para as necessidades della. Hoje, para a defesa da patria, requer-se o concurso de todos os homens validos, que todos devem ser adextrados no manejo das armas.

Annualmente se procede ao sorteio: são designados pela sorte os cidadãos de quem a patria exige mais um pouco: que passem um periodo, não longo, inteiramente incorporados ás forças armadas, como soldados. Ninguem se pode, dentro da moral, furtar ao cumprimento desse dever, embora elle seja algumas vezes muito pesado. Alem de dever, é tambem uma honra para o cidadão montar guarda junto á bandeira, prompto a ser dos primeiros a marchar em defesa da segurança, da vida, do trabalho, da prosperidade dos milhões de irmãos que nelle confiam.

Demais, não é só para a patria que

resultam os beneficios do serviço militar prestado pelo cidadão não profissional. E' principalmente para elle proprio. O serviço militar é um dos grandes meios de educação do povo, é um dos grandes recursos para se manter a consciencia da união entre milhões de individuos, que vivem por vastissima extensão de terras.

Individualmente, elle constitue um bem para o cidadão: pela hygiene racional, pelos exercicios seguros a que fica submettido, lhe advem necessariamente um augmento de vigor physico. E não é só o proprio individuo, mas a mesma raça, quem lucra com isso.

A disciplina é tambem um grande beneficio moral decorrente do serviço militar. No serviço das armas aprende um homem a obedecer, não pela submissão passiva e mecanica, que estrangula a vontade propria e a consciencia, mas pela submissão intelligente, racional, que

ensina a cada um a maneira de cumprir silenciosamente o seu dever.

O quartel é hoje uma casa de educação, onde penetram todas as luzes de uma pedagogia especial, que visa o adulto. Os officiaes, que são os chefes, constituem um corpo de educadores, não de feitores de escravos. Educadores sublimes, que nos preparam para a defesa daquillo que temos por mais sagrado!

Eis, pois, a synthese dos deveres geraes do cidadão. O mais penoso é sem duvida este ultimo, do preparo para a guerra. Fora bom que jamais se houvesse de cogitar na guerra, mas isso é impossivel, como acima bem accentuei. A guerra é legitima, e infelizmente nenhum paiz se pode furtar a ella, depois que tiver exgottado, em defesa do proprio nome, ou da propria soberania contra o insulto ou a violencia do extrangeiro, todos os meios pacificos.

Othello Reis.

HISTORIA E GEOGRAPHIA

HISTORIA

5º ANNO

Revolução de 1817

Ao tratar das primeiras ideas de Republica na historia do Brasil, escrevemos que a Inconfidencia ficou em meras aspirações e planos mallogrados, ao passo que o movimento de 1817 em Pernambuco foi adeante e chegou a constituir governo provisorio e lutar com as forças de D. João VI.. E' certo que, entre o martyrio de Tiradentes e o estalar da revolução pernambucana havia succedido muita coisa no Velho Mundo e na America: Lá todo o desenrolar da grande Revolução e da epopea napoleonica; e aqui o movimento generalizado de emancipação das colonias espanholas, com o vulto-maximo entre os grandes—de Simão Bolívar. Em 16, — proximo no tempo e no espaço — o Congresso de Tucuman proclamára a defi-

nitiva independencia das provincias do Prata.

Nem se pode esquecer o facto capital da vinda de D. João para a antiga colonia americana, agora reino unido aos da metropole. Refugio do monarcha prófugo, ja era capaz de comprehender o que valia, material e moralmente. O exemplo norte e sul americano era suggestivo. A rivalidade entre naturaes do país e portugueses tinha mais de seculo. No proprio Pernambuco o nativismo ja escrevera a pagina significativa de Mascates.

Eis o que a professora terá de explicar — e não é tão simples como se afigura á primeira vista — em linguagem clara e em poucas phrases aos alumnos do 5º anno do curso complementar, que ainda não têm sequer noções de historia geral e que só no 6º anno aprenderão em «ligeiro resumo» (é a expressão do programma vigente) a independencia dos Estados Unidos e das outras republicas americanas. Da Revolução fran-

ceza não é de suppor que saibam alguma coisa, pois não ha referencia especial ao 14 de Julho entre os feriados federaes. O 3 de Maio, o 7 de Setembro e o 15 de Novembro figuram taxativamente desde as noções de instrucção civica do 2º anno; no 3º anno devem-se explicar, além desses, o 13 de Maio e o 12 de Outubro; no 4º anno o programma include, como ultimo assumpto dos de instrucção civica, «feriados municipaes e federaes», de modo geral; mas na distribuição por meses, só ha em Março, referencia especial ao 1º e 20 de Janeiro e 24 de Fevereiro; em Abril, ao 21; em Maio, ao 3 e 13; em Junho deve tratar-se do Prefeito e seus auxiliares; e, em *Julho*, dos feriados de 7 e 20 de Setembro e do Presidente da Republica e seus auxiliares; em Agosto, dos deveres civicos; respeitar a lei e defender a patria; em Setembro dos feriados de 12 de Outubro a 15 de Novembro, e ainda da festa da bandeira, a 19, e dos deveres civicos de votar e pagar impostos. Em Outubro ja é a revisão dos programmas dados. Onde estará a explicação do 14 de Julho?

No seu *Manual Civico*, em nota á pagina 15-16, Araujo Castro explica a importancia de 14 de Julho. E no questionario pergunta: *Porque 14 de Julho é uma grande data para os povos livres e democraticos?* Sabe-se que o livro é destinado ás classes primarias. Ainda que pessoalmente não concorde com a exaggerada significação attribuida ao 14 de Julho (e ja expliquei o porque em artigos n' *O Jornal* e na apreciação bibliographica do *Manual Civico*), acho que, sendo a data da Tomada da Bastilha — bem ou mal — um feriado nosso, é de extranhar que não haja referencia no programma a esse unico dia de festa, que é consagrado á commemoração da republica, da liberdade e da independencia dos povos americanos.

Mas fechemos o parenthesis e volvamos á revolução de 1817.

Explicadas em linhas geraes as razões do movimento, é necessario pôr em relevo as principaes figuras. E aqui é de justiça reconhecer o papel conspicuo de Domingos José Martins, vulto primacial da revolução, de que foi antes o mais ardente propagandista, e até o fim e na propria morte o mais coerente e

impavido entre os chefes. Autores superficiaes de compendios escriptos ás pressas já lhe negaram cultura e até repetiram accusações á sua honra. Hoje está vingada em tudo a sua memoria. Attesta-lhe a cultura — Bebida no meio inglês, onde foi educado e desenvolvido nas viagens frequentes — o bello soneto que compôs no carcere, nas vespersas da execução. E de sua illibada honradez, a quem pretendeu tisonar a malevolencia de seu desaffecto Tollerrare—ja se publicaram, na propria *Revista do Instituto Historico*, as provas irrefragaveis. Agora já não ha compendio digno de attenção que lhe não reconheça a coragem, o desinteresse e o papel de verdadeira alma da revolução.

O proprio Padre João Ribeiro — outro vulto principal — fraquejou e suicidou-se, Martins até o fim encarou sobranceiro a escolta de El-Rey, dando-lhe elle mesmo a ordem de fogo.

Mas grandes vultos admiraveis no movimento! E que participação minuciosa e selecta a do clero, que chegou a ter uns trinta representantes na conspiração!

Nem se póde calar o nome de um *Miguelinho* e de um frei *Caneca*, entre os máiores. Nem faltam scenas interessantes e animadas: o estalar do movimento, a capitulação de Caetano Pinto, no Brum, o governo provisorio, a benção e consagração da bandeira da Republica no «Campo da Honra», a morte do Padre Roma, na Bahia, a prisão de Alencar, no Ceará, as providencias do Conde dos Arcos e a partida das forças por terra, o bloqueio do Recife pelo vice-almirante Rodrigo Lobo, a queda do governo republicano, a derrota das tropas de Martins, as prisões, o processo, o horror do Martyrio: a forca em Pernambuco, os fuzilamentos do Campo da Polvora, na Bahia...

Ainda que tenhamos escripto, sobre este episodio da historia patria, uma monographia, honrada com um parecer desvanecedor da penna autorizada de Basilio de Magalhães na *Revista do Instituto*, preferimos para maior prova de imparcialidade no julgamento, lembrar aqui ás professoras as palavras de Osorio Duque Estrada em seu compendio de historia patria: «Embora ephemera, a Republica proclamada em Pernambuco

só pode honrar a memoria dos martyres gloriosos que por ella se sacrificaram com tão grande abnegação e tanto heroismo. Ao envez de um motim vulgar e sem ideaes definidos, de mera sedição de quartel, ou de simples episodio secundario na historia local de uma provincia, a revolução de 1817 foi pelo contrario uma gloriosa insurreição que, como bem disse Barbosa Lima, levantou o pavilhão, hoje duas vezes, victorioso, da Independencia e da Republica.

JONATHAS SERRANO.

GEOGRAPHIA

Panoramas

Para illustrar quasi todos os conhecimentos que vos acabam de ser ministrados, tendes, dependurado á parede da sala o *panorama geographico*. E' uma colleção de vistas dos accidentes da superficie da Terra, muitos dos quaes conheceis vós mesmos na natureza, alguns dos quaes, porém, só pelas gravuras vos será dado conhecer. Ahi vereis o rio, os montes, o oceano, as bahias, as cachoeiras, as planicies, as praias, as ilhas, as peninsulas, os cabos, etc.

PLANTAS E CARTAS

Ao lado das vistas panoramicas, vêdes tambem outros desenhos—São as formas convencionaes com que mais expeditamente representamos as diversas formas do terreno e muitas das bemfeitorias realizadas na terra e no mar pela mão do homem.

A' representação convencional da superficie das terras e dos mares por desenhos em folhas de papel, chamamos *mappa* ou *carta geographica*.

A' representação de um trecho pequeno da terra, como de uma cidade, de um bairro, de uma rua, de um terreno, de um edificio, ou mesmo de uma sala, chamamos *planta*. Vêdes tambem á parede uma planta, a da cidade do Rio de Janeiro. Ahi estão desenhadas as ruas, avenidas e praças, os morros, as praias, as

ilhas, os rios e mais as estradas de ferro, e os edificios publicos notaveis.

O mappa e as plantas são coisas indispensaveis a quem viaja ou a quem se dirige, dentro da cidade, a um ponto que não conhece. Quem tem bocca, diz o proloquio, vae a Roma. Realmente, para alcançar um logar eu poderia perguntar. Mas... encontrarei, no momento opportuno, pessoa a quem me possa dirigir? Estará essa pessoa disposta a me ensinar? Ensinar-me-á certo ou trocará commigo, dando-me informação errada? Melhor, sem duvida, é levar cada um seu mappa ou sua planta. As informações que pelo caminho solicitar serão apenas para verificação ou confirmação.

E' por meio dos mappas que se fazem as mais ousadas viajens. Um navio que se mette pelos mares fora, e que viaja dias e dias sem vêr terra, entre o céu e o mar, segue a toda força de suas machinas, ou com todas as velas soltas ao vento, por um caminho tão certo como se fosse por cima de trilhos. Ide vêr: deante do commandante, ou do official que dirige a navegação, encontrareis, desenrolado, um mappa, e é por este que elle sabe quando deve mandar desviar a rota mais para a direita ou mais para a esquerda, para não ir sobre aquellas ilhas ou sobre aquelles rochedos. O official com a força que commanda vae pelo interior do paiz, emmaranha-se em bosques atravessa rios em pontes que lá estão, ou que os soldados improvisam, e vae seguro, em busca do inimigo, viajando leguas e leguas por logares em que jamais andou: é que o mappa é seu guia seguro.

E dentro mesmo da cidade: Quantas vezes tereis visto alguem que deseja ir a certa rua. Pede ao conductor do bonde que a indique, mas elle não sabe; um vizinho de banco, sollicito, acode:—a rua Tal? Creio que já passámos ha muito tempo. O Snr. entre pela terceira transversal; deve ser a quinta perpendicular a essa, a quinta ou a quarta, não sei bem.—Vae o homem pela terceira e depois pela quinta, não é lá; volta, pergunta, indaga, erra algumas vezes mais, e muita vez desistê. Se não desiste, perdeu pelo ménos um tempo precioso. Agora vêde como procede um homem pratico: Quer ir a uma rua que não sabe onde fica? Procura-lhe o nome no Guia

da cidade, descobrindo onde fica. Toma então a planta e vê o caminho mais curto para lá chegar; mette a planta no bolso e segue seu caminho. Quando for preciso, consulta-a de novo, verifica em que altura está. E affirmo-vos que assim vae seguro e rapido.

Vendo, porém, a grande planta, montada sobre panno e guarnecida de guardas de madeira, achareis ridiculo que eu vos fale em levar a planta no bolso... Certamente. Mas ha outras plantas, apenas desenhadas no papel: são umas folhinhas que se dobram e facilmente se conduzem. Destas é que eu falava...

ESCALA

Mas para que uma carta ou uma planta seja realmente um auxiliar seguro, é preciso que me diga exactamente o comprimento das estradas e das ruas, para que eu possa calcular o tempo em que as vou percorrer. O mappa não pode representar um rio ou uma estrada pelo seu *verdadeiro* tamanho: seria absurdo. Imaginae que rolo de papel não seria preciso, e que amplidão de folhas, para se representar apenas o quarteirão da escola!

Precisamos, pois, de representar em ponto pequeno tudo que ha na superficie da terra, mas vamos reduzir tudo na mesma proporção, na mesma relação. Assim, eu sei que esta rua da escola tem 200 metros; vou representá-la por 200 millímetros, cada millimetro representando um metro. O edificio da escola tem de frente; sobre a rua, 16 metros; representaremos essa frente por 16 millímetros.

Essa relação entre o comprimento de uma linha no terreno, no natural, e o comprimento pelo qual ella se representa no mappa é que é a *escala* do mappa.

Repárae nos diversos mappas: todos têm a sua escala. Aqui tendes um, em que está indicado: *Escala* 1:3.000.000. Isto significa que 1 millimetro no desenho corresponde a 3.000.000 de millímetros isto é, a 3000 metros, ou 3 kilometros, no terreno. A escala tambem pode ser indicada em forma de fracção:

$\frac{1}{7.000.000}$. Lê-se sempre: *um para tres milhões, um para sete milhões* etc.

Compreendeis perfeitamente que tendo a escala eu posso calcular o verdadeiro comprimento de uma rua, de uma estrada, ou de um rio, ou saber a distancia de uma cidade a outra cidade. Tomo no mappa por meio do compasso e da regua graduada, a medida do rio, ou da estrada, ou da linha recta que fica entre as duas cidades. Acho, supponhamos, 5 1/2 centímetros. Procuo a escala: acho, por hypothese, que é de 1 para 6 milhões. Terei então que se 1 centimetro representa 6 milhões de centímetros, 5,5 centímetros representarão 6.000.000 \times 5,5 ou 33.000.000 centímetros, isto é, 330.000 metros, ou 330 kilometros.

ATLAS

E' pelas cartas geographicas que estudamos o nosso paiz e os paizes estrangeiros, seus rios, seus montes, seus lagos, suas ilhas, suas cidades, suas estradas de ferro, que tudo ellas nos apresentam, desde que o rio, o lago, a ilha, a cidade ou a estrada mereça, pelas dimensões e pelo valor a nossa consideração.

Só pelo mappa se pode estudar geographia. Precisamos, pois, de muitos mappas. Ao conjuncto dos mappas, reunidos em um livro chamamos *atlas*. O atlas é o unico livro verdadeiramente indispensavel ao estudante de geographia. De quaesquer outros poderá prescindir, embora seja de desejar que os possua, mas o atlas ha de ter por força, sob pena de não aprender realmente nada.

HORIZONTE-PONTOS CARDEAES

Não basta possuir um mappa; é necessario saber servir-se delle. E para isso, bem como para nos dirigirmos na terra e no mar, precisamos conhecer algumas direcções seguras, que não sejam como as de para a *direita*, para a *esquerda*, para a *frente*, para a *traz*, susceptiveis de confusão.

Se estiverdes em logar descampado e amplo, vereis que em torno de vós parece haver um *circulo* muito grande, que é o circulo de tudo que vossa vista abrangge. Parecer-vos-á que alguem traçou, com um compasso enorme, uma circumferencia, e vos collocou bem no centro

della. Ao circulo assim delimitado pela circumferencia que marca o limite de nossa visão, chamamos *horizonte*. Lá no bordo do horizonte, naquella circumferencia, parece que o céu se reune com a terra, ou com o mar.

A's vezes, chamamos horizonte a todo este circulo enorme, que abrange todas as coisas visiveis em torno de nós; outras vezes é apenas aquella linha de contorno que damos esse nome.

No horizonte vemos apparecer todas as manhãs o Sol, que depois parece ir pelo céu acima, dando-nos luz e calor, até que á tarde desaparece tambem no horizonte, em um ponto opposto áquelle em que surgiu, ou nasceu. O nascer e o pôr do Sol indicam ao homem duas direcções fixas (ou melhor quasi fixas) no horizonte.

Ao ponto em que o Sol nasce, ou surge no horizonte chamamos *Nascente*. Tambem lhe chamamos *Oriente*, *Levante*, *Este* ou *Leste*. Ao ponto em que se esconde, á tarde, chamamos *Poente*, *Occidente*, *Occaso*, ou *Oeste*.

Colloquemo-nos agora de modo que estendido o braço direito, aponte para o Nascente: o esquerdo apontará para o Poente, á frente nos ficará um ponto a que chamamos *Norte*; para traz de nós um ponto a que chamamos *Sul*.

A estes quatro pontos notaveis do horizonte, o *Nascente* o *Poente*, o *Norte*, e o *Sul*, chamamos os *quatro pontos cardeaes*. O *Nascente*, ou *Este*, abrevia-se com a letra *E.*; o *Poente*, ou *Oeste*, com a letra *O.*, ou tambem com a letra *W.* (por motivo que mais tarde aprenderéis); o *Norte* com a letra *N.*, e o *Sul* com a letra *S.*

Ora vos direi: Pela manhã, muito cedinho, o Sol entra na escola por aquelle lado. Quer dizer que é naquella direcção que elle nasce; para lá fica o Nascente. Agora me podereis dizer para onde fica o Poente, para onde o Norte, para onde o Sul. Podeis dizer-me em que posição fica a igreja: ao Norte ou ao Sul, a Este ou a Oeste da escola? E vós mesmos vos podeis collocar, dentro da sala ou no jardim, de modo que Felipe esteja ao Norte de João, Henrique ao Sul de Silvio, Mario a Leste de Felipe ao Sul de Amadeu, Alipio a Oeste de Francisco e ao Norte de Carlos, e assim por deante.

E mais ainda. De minha cadeira poderei commandar-vos, dizendo, por exemplo:—Silvio! Tres passos para o Norte! Quatro para Leste! Dois para o Sul! Alipio! Dois passos para o Nascente, depois cinco para o Sul! Far-vos-ei assim *viajar* pela sala ou pelo jardim, dando-vos os diversos *rumos*.

O conhecimento dos pontos cardeaes é absolutamente necessario ao que estuda geographia. E não só destes, mas de outros pontos que existem no horizonte, entre cardeaes. Vamos agora aprendel-os.

PONTOS COLLATERAES

São primeiro, os *quatro pontos collateraes*, situados a igual distancia dos cardeaes. Entre Norte e Este fica o *Nordeste*; entre o Sul e Este, o *Sueste*; entre Norte e Oeste, o *Noroeste*; entre o Sul e Oeste, o *Sudoeste*. Os quatro pontos collateraes abreviam-se, respectivamente: NE., SE., NO. ou NW., SO ou SW.

Agora entre cada ponto cardeal e o collateral proximo, ha um dos *oito pontos sub-collateraes*. Entre o Norte e o Nordeste está o *Nor-nordeste*; entre Leste e Nordeste, o *Les-nordeste*; entre Leste e Sueste, o *Les-sueste*; entre Sul e Sueste, *Su-sueste*; entre Sul e Sudoeste, o *Su-sudoeste*; entre Oeste e Sudoeste, o *Oeste-sudoeste*; entre Oeste e Noroeste, o *Oeste-noroeste*; entre o Norte e o Noroeste, o *Nor-noroeste*.

As sub-collateraes abreviam-se, respectivamente: NNE., ENE., ESE., SSE., SSO ou SSW., OSO. ou WSW., ONO. ou WNW., NNO ou NNW.

ROSA DOS VENTOS

Si traçarmos um linha, que indique a direcção Leste-Oeste, e a cortarmos por outra, perpendicular, que indicará a direcção Norte-Sul, teremos uma cruz. Entre os braços da cruz intercalemos agora as direcções do Nordeste, Noroeste, Sueste, e Sudoeste. Agora, entre as oito direcções já desenhadas intercalemos outras oito: serão os dos pontos sub-collateraes. A' figura assim formada pelas 16 direcções, chamamos *rosa dos ventos*, porque dá as principaes direcções em que podem soprar os ventos.

Se souberdes onde é o Nascente e puzerdes virada para o Nascente a ponta correspondente da rosa dos ventos, esta indicará correctamente todas as demais direcções cardeaes, collateraes e sub-collateraes.

Podeis desenhar a rosa dos ventos em papel, fazendo bello desenho colorido, e podeis traçal-a tambem no chão, para nosso exercicio diario.

OTHELLO REIS

LINGUA MATERNA

1º ANNO

O PASSEIO DE CHIQUINHO.—*Leitura feita pela professora*

Era domingo. Os paes de Chiquinho levaram-no a visitar uns amigos em Niteroi.

Nunca o pequeno fizera tão bella viagem, por isso não se cansava de admirar as aguas que brilhavam ao sol; os barquinhos dos pescadores, enfeitados de bandeiras e flores, os navios cheios de marinheiros em uniformes brancos; as boias que subiam e desciam, e, que lindo! quatro peixes grandes e dourados deram pulos muito altos e mergulharam novamente.

Chiquinho mal tinha olhos para ver tanta cousa e fazia exclamações e perguntas umas sobre outras.

Subito, ouviu-se uma campainha—era o signal de chegada a Niteroi.

Que pena durar tão pouco a travessia!

Em rapidos momentos estavam na casa onde iam e cujos donos, inclusive um menino, o Léo, sentiram grande prazer.

Trocados os cumprimentos, Léo pediu aos paes de Chiquinho que o deixassem ver a yole do papae. Hesitaram um pouco, mas, afinal, recommendando-lhes muito cuidado, permittiram o que o filho, com os olhinhos, lhes supplicava, promettendo ser cauteloso.

Foram. Do alto da escada viam a agua embalar docemente a yole comprida e leve.

Chiquinho não se conteve. — Vamos descer disse; quero ver melhor; depois, deixa-me tomar os remos e experimentar um pouquinho; tenho força e sei remar porque na escola fazemos to-

dos os dias, exercicios imitando os remadores.

O outro, curioso, e não temendo, porque estava habituado a ajudar o pae, não lhe impediu o intento. Desceram. Chiquinho entrou na embarcaçõzinha e tomou os remos, mas começou a receiar, uma voz lhe segredava que fazia mal em desobedecer ás recommendações paternas. Sentia immensa afflicção, mas dissera que tinha coragem, e o orgulho lhe impunha que não recuasse.

Léo já desatava a corda que prendia a yole, quando um peixe saltou perto de Chiquinho. Pallido de susto, o menino gritou e deu um pulo em terra, firmando-se num dos remos. Felizmente. Quem sabe se aquelle peixe não salvou da morte os dois traquinas?

—»O«—

NOTA.—Feita a leitura, a professora conversará com os alumnos tornando viva a descripção da viagem maritima, sem, entretanto, prejudicar o fim collimado — fazer comprehender que existe em nós mesmos um juiz severo e vigilante que accusa nossas faltas, antes, mesmo que outros as conheçam e ao qual, cumpre, si quisermos ser felizes, obedeçamos sem nos importar com o julgamento alheio ou com a supposta diminuição de nosso valor, pura concepção do orgulho, o peor inimigo de nosso aperfeiçoamento moral, e até da paz a que temos direito. Nem sempre apparece um salvador estranho (o peixe neste caso). Attendamos, pois, á consciencia no momento em que desperta. Ha muita nobreza em emendar-se logo que se conhece o erro.

Esta lição, offerece, além disso, ensejo a interessantes lições de cousas, e motivos numerosos para a aula de desenho de memoria ou de imaginação: o

mar, o sol a illuminál-o, peixes, pescadores, marinheiros, embarcações de todos os typos, etc.

2º ANNO

Excerpto da poesia «Os Pobres», de OLAVO BILAC.

Ahi vem pelos caminhos,
Descalços, de pés no chão,
Os pobres que andam sozinhos
Implorando compaixão.

Vivem sem cama e sem tecto
Na fome e na solidão.
Pedem um pouco de affecto,
Pedem um pouco de pão.

Guiæ-lhes os tristes passos!
Dæ-lhes, sem hesitação,
O apoio de vossos braços,
Metade de vosso pão!

Não receeis que algum dia
Vos assalte a ingratição:
O premio está na alegria
Que tereis no coração.

Explicação:

O poeta nos fala dos pobrezinhos que pedem esmolas percorrendo as ruas e ás vezes, cansados, sentam nos degraus das escadas ou nos vãos das portas e continuam a supplicar aos que passam. Tudo falta a esses infelizes, roupa e casa que os protejam contra a chuva, o frio e o sol rigoroso; cama em que repousem o corpo fatigado e dolorido; alimento que lhes restitua a força, e até o carinho que lhes suavise a dôr. Quanto são desgraçados!

O riso desapareceu de suas faces tristes, os olhos não brilham mais e os labios sómente sabem pedir e lastimar-se. Não teem mais força para lutar. Si pudessem voltar ao trabalho, seriam felizes como nós e gosariam tambem alegria. Mas, coitadinhos! sua miseria é, cada dia, maior; contam apenas com a nossa piedade.

Não lhes neguemos o auxilio, a protecção, a esmola emfim; demos-lhes um

pouco de pão ou uma palavra carinhosa. Si não se mostrarem agradecidos, paciencia, a propria miseria e os máus tratos já lhes endurecem o coração, e talvez a alma sinta profunda gratidão e os labios não na manifestem.

Demais, logo que damos a esmola, sentimos tanto prazer, que não precisamos de outra recompensa, nenhum premio seria maior.

Protejamos, pois, e sempre os desgraçados.

3º ANNO

BILHETE A UMA PRIMINHA.—Tratamento na 2.ª pessoa do singular

Escrevei a uma priminha de vossa idade dizendo-lhe já vos terdes matriculado na escola, e convidando-a a ir com-vosco. Dizei-lhe onde fica o collegio que frequentaes. Falae lhe na professora, nos collegas, nos brinquedos preferidos no recreio, o que aprendestes de novo e o prazer que sentis na escola onde as horas passam rapidas.

Esperando-a breve na classe, fazei vossas despedidas.

4º ANNO

▲ VELHA MANGUEIRA.—Composição

Ao sahir da escola, palestravam duas meninas, applicadas alumnas do 5.º anno. Dizia Carmita: — Esperava-te hoje, Maria, debruçada á varanda orlada de mimosa trepadeira, e contemplava enlevada o aspecto deslumbrante do céu aquellas tonalidades, desde o rosa suave até o vermelho côr de brasa encantaram-me. Extatica, ouvi, entretanto, a voz harmoniosa e doce de nossa directora que me chamava a attenção para um espectáculo mais bello. Sabes que vi? Os ultimos raios de luz do sol agonizante coroavam a fronte verdejante da copada mangueira que se ergue no terreno da escola, a ensombrá-lo. Contemplando aquelle contraste—o ouro velho do sol e o verde sadio das folhas—confesso-te

que uma multiplicidade de sentimentos me fez pulsante o coração. Fiquei alguns minutos muda ante aquella arvore veneravel e, voltando-me para nossa directora disse-lhe: -- Como me ensinastes, amo todas as arvores, mas esta mangueira centenaria desperta-me sentimentos bem diferentes; sinto um mixto de veneração e saudade, de alegria e pesar.

Venero-a, pois, desde meus primeiros annos de collegial, habituei-me a vê-la e receber seus beneficios. Nos calidos dias de verão abriga-nos com suas folhas, da inclemencia do sol. Junto a ella cresci, vi passarem os annos e sinto que a amo cada vez mais.

Entretanto, já tenho o coração oprimido pela saudade que sentirei quando deixar esta escola e me vir privada de vosso carinho; desta arvore bem ama-

da; do convivio dos collegas, junto a esse tronco nodoso, ainda cheio de viço; não gosarei mais a brandura de sua sombra, não ouvirei o gorgueio dos passaros que em sua ramaria espessa e farfalhante se abrigam e vivem protegidos do inverno e do rigor do sol, nem o sussurro da brisa que passa; não na verei mais vestir-se de novo quando voltar a primavera, e essa lembrança entristece-me. Resta-me um consolo—é que esta arvore já velha despertará a todas as gerações que por esta escola passarão, os mesmos sentimentos de veneração e affecto, e terá em todos os meninos os mais corajosos defensores, para que nunca tombe ferida pelo machado assassino.

Noemia Eloya e Inah Martini.

Os preços marcados nas perfumarias expostas na
«PERFUMARIA Á GARRAFA GRANDE»
não admittem confronto
66, Rua Uruguayana, 66 — RIO

LEITURAS MILITARES,

de O. Duque Estrada, obra adoptada para uso dos alumnos das escolas primarias do Districto Federal e de varios Estados.

A' venda na LIVRARIA ALVES

Manual Civico

ARAUJO CASTRO

Obra adoptada para uso dos alumnos das escolas do Districto Federal e de quasi todos os estados do Brasil.

A' venda nas principaes livrarias.

Chocolate e café Só

ANDALUZA

Fabrica — RUA DOS ANDRADAS

RIO DE JANEIRO

ENSINO SCIENTIFICO

Lições de Arithmetica

4.º ANNO

Exercicios relativos á simplificação das fracções e á sua reducção ao mesmo denominador

— Escrever seis fracções equivalentes a $\frac{252}{48}$, sendo tres d'essas fracções representadas por termos mais simples.

— Simplificar as fracções :

$$\frac{14}{26}, \frac{36}{108}, \frac{75}{85}, \frac{102}{126}, \frac{21}{35}, \frac{315}{441}$$

$$\frac{536}{672}, \frac{675}{850}, \frac{132}{830}, \frac{480}{2640}, \frac{216}{304}$$

— Reduzir á expressão mais simples as fracções :

$$\frac{36}{414}, \frac{105}{560}, \frac{145}{684}, \frac{636}{4209}, \frac{156}{5460}$$

$$\frac{252}{396}, \frac{344}{2712}, \frac{480}{2640}$$

— Que é reduzir fracções ao mesmo denominador ?

— Em que principio se baseia a reducção de fracções ao mesmo denominador ?

— O denominador commum que vem a ser dos denominadores das fracções dadas ?

Porque ?

— Qualquer multiplo commum aos denominadores póde servir de denominador commum ?

— Qual o multiplo commum preferido ? Porque ?

— Qual a regra para reduzir fracções ao mesmo denominador ? Justifique essa regra.

— Qual a transformação das fracções que deve preceder a reducção ao mesmo denominador sempre que seja possível ? Porque ?

— Reduzir a um denominador commum, explicando o processo empregado, os seguintes grupos de fracções :

$$\frac{7}{15}, \frac{3}{4}, \frac{6}{13}; \frac{4}{9}, \frac{3}{52}, \frac{1}{14}, \frac{5}{7}$$

$$\frac{8}{9}, \frac{1}{18}, \frac{3}{11}, \frac{9}{54}; \frac{8}{100}, \frac{3}{20}, \frac{4}{25}$$

$$\frac{7}{45}, \frac{1}{36}, \frac{1}{21}; \frac{5}{54}, \frac{12}{48}, \frac{19}{78}, \frac{11}{12}$$

$$\frac{3}{96}, \frac{17}{38}, \frac{23}{69}, \frac{3}{24}; \frac{9}{15}, \frac{41}{450}, \frac{8}{160}$$

$$\frac{6}{25}, \frac{10}{75}, \frac{35}{105}, \frac{24}{60}; \frac{6}{35}, \frac{4}{5}, \frac{2}{7}$$

Já vimos quaes as alterações no valor de uma fracção por effeito da multiplicação ou da divisão de um de seus termos por um numero inteiro ; vimos tambem que seu valor permanece o mesmo se taes operações forem effectuadas simultaneamente em ambos os termos e pelo mesmo numero ; vejamos agora qual o effeito da somma e da subtracção de um mesmo numero effectuadas simultaneamente em ambos os termos da fracção.

Seja a fracção $\frac{2}{7}$

Se sommarmos 5 a ambos os seus termos, teremos

$$\frac{2+5}{7+5}$$

Reduzindo as duas fracções, ao mesmo denominador, afim de podermos comparar os respectivos valores, teremos :

$$\frac{2(7+5)}{7(7+5)} \quad \frac{(2+5)7}{(7+5)7} \quad \text{ou}$$

$$\frac{2 \times 7 + 2 \times 5}{7(7+5)} \quad \frac{2 \times 7 + 5 \times 7}{7(7+5)}$$

Sendo os denominadores iguaes, será maior a fracção que tiver maior numerador (v. lições anteriores). Ora, os numeradores são ambos expressos por uma somma de duas parcelas ; e como a primeira d'essas parcelas é commum ás duas fracções, a differença fica a cargo da segunda parcella, que é maior na

fracção equivalente a $\frac{2+5}{7+5}$, e como a fracção $\frac{2}{7}$ é propria, podemos affimar que :

Sommando-se a ambos os termos de uma fracção propria um mesmo numero, a fracção se torna maior, augmenta de valor.

Poderíamos tambem conduzir o raciocinio da séguinte maneira :

Se a ambos os termos da fracção

$$\frac{2}{7} \text{ juntarmos } 5 \text{ unidades, teremos } \frac{2+5}{7+5}$$

ou $\frac{7}{12}$

Ora, sabendo-se que a unidade corresponde a $\frac{7}{7}$ bem com a $\frac{12}{12}$ (v. lições anteriores) conclúe se que á fracção

$\frac{2}{7}$ faltam $\frac{5}{7}$ para ser igual á unidade, e á fracção $\frac{7}{12}$ faltam apenas $\frac{5}{12}$ para ser

igual á unidade, Sendo $\frac{5}{12} < \frac{5}{7}$ (v. lições anteriores) a 2.ª fracção isto é a fracção

$$\frac{2+5}{7+2} \text{ ou } \frac{7}{12} \text{ é maior do que a } 1.ª \text{ ou } \frac{2}{7}$$

pois que lhe falta menos do que a esta para attingir o valor da unidade.

Seja agora a fracção impropria

$\frac{12}{5}$ Se sommarmos -3 , por exemplo a ambos os seus termos teremos :

$$\frac{12+3}{5+3}$$

Reduzindo as duas fracções ao mesmo denominador, para podermos comparar os respectivos valores, teremos :

$$\frac{12(5+3)}{5(5+3)}, \frac{(12+3)5}{(5+3)5} \text{ ou}$$

$$\frac{12 \times 5 + 12 \times 3}{5(5+3)}, \frac{12 \times 3 + 3 \times 5}{5(5+3)}$$

Sendo os denominadores iguaes, a differença de valor reside nos numeradores ; sendo estes expressos por uma somma de duas parcelas, sendo as primeiras iguaes, a differença dependerá apenas da 2.ª parcella ; ora, esta 2.ª parcella

é na 1.ª fracção que é equivalente a $\frac{12}{5}$, o

producto 12×3 ; e na 2.ª, equivalente a $\frac{12+3}{5-3}$,

é o producto 5×3 ; d'onde se conclúe que a 2.ª fracção é menor do que a 1.ª ; isto é, que sommando-se a ambos os termos de uma fracção impropria um mesmo numero, ella se torna menor, seu valor diminúe.

Applicando á fracção $\frac{12}{5}$ o segundo

processo adoptado para a fracção $\frac{2}{7}$ te-

riamos :

$$\frac{12}{5} \text{ e } \frac{12+3}{5+3} \text{ ou } \frac{12}{5} \text{ e } \frac{15}{8}$$

Comparando estas duas fracções com a unidade e sabendo-se que esta corresponde a $\frac{5}{5}$ bem como a $\frac{8}{8}$, verifica-

se que a fracção $\frac{12}{5}$ tem mais $\frac{7}{5}$ do que a unidade, enquanto a fracção $\frac{15}{8}$ tem

apenas mais $\frac{7}{8}$ do que a unidade ; e

como $\frac{7}{5} > \frac{7}{8}$ conclúe-se : a 1.ª fracção é maior do que a 2.ª ou

$$\frac{12}{5} > \frac{12 \times 3}{5 \times 5}$$

Se subtrahirmos de ambos os termos de uma fracção um mesmo numero a fracção diminúe de valor, torna-se menor, só for propria ; augmenta de valor torna-se maior, se fôr propria.

Seja a fracção propria $\frac{8}{15}$; se subtrahirmos 3 de ambos os seus termos, teremos : $\frac{8-3}{15-3}$

Reduzindo as duas fracções ao mesmo denominador :

$$\frac{8(15-3)}{15(15-3)} \text{ e } \frac{(8-3)15}{(15-3)15} \text{ ou}$$

$$\frac{8 \times 15 - 8 \times 3}{15(15-3)} \text{ e } \frac{8 \times 15 - 3 \times 15}{15(15-3)}$$

Sendo os denominadores iguaes e os numeradores expressos respectivamente por uma differença em que os minuendos são iguaes, será maior aquella cujo subtrahendo fôr menor, pois que — quanto menor é o subtrahendo, maior é o resultado da operação.

Assim, a 2.^a fracção é menor do que a 1.^a ou

$$\frac{8}{15} > \frac{8-3}{15-3}$$

Por outro lado, a $\frac{8}{15}$ faltam, apenas $\frac{7}{15}$ para attngir o valor da unidade, ao passo que a $\frac{5}{12}$ faltam $\frac{7}{12}$

Sendo

$$\frac{7}{12} > \frac{7}{15}$$

e faltando portanto mais á 2.^a fracção de que á 1.^a para attngirem um mesmo valor, conclúe-se que a 2.^a é menor do que a 1.^a ou

$$\frac{8-3}{15-3} < \frac{8}{15}$$

— Seja agora a fracção impropria

$$\frac{15}{8}$$

Se subtrahirmos 3 de ambos os seus termos, teremos $\frac{15-3}{8-3}$

Reduzindo as fracções ao mesmo denominador :

$$\frac{15(8-3)}{8(8-3)} \text{ e } \frac{(15-3)8}{(8-3)8} \text{ ou}$$

$$\frac{15 \times 8 - 15 \times 3}{8(8-3)} \text{ e } \frac{15 \times 8 - 3 \times 8}{8(8-3)}$$

Sendo os denominadores iguaes e os numeradores respectivamente expressos por differença cujos minuendos são iguaes, maior será aquella cujo subtrahendo for menor ; logo, a 2.^a fracção é maior do que a 1.^a ou

$$\frac{13-5}{8-3} > \frac{15}{8}$$

Por outro lado, a fracção $\frac{15-3}{8-3}$ ou $\frac{12}{5}$

excede a unidade em $\frac{7}{5}$ e a fracção $\frac{15}{8}$

excede-a apenas em $\frac{7}{8}$; e como

$$\frac{7}{5} > \frac{7}{8}$$

conclúe-se que

$$\frac{15-3}{8-3} > \frac{15}{8}$$

— Verifica-se pela série de racionios feitos para se poderem firmar os principios relativos ás alterações que experimentam as fracções quando se somma a ambos os seus termos ou quando d'elles se subtrahem um mesmo numero, que : — se fômos successivamente juntando a ambos os termos de uma fracção

propria um mesmo numero, essa fracção irá tambem successivamente augmentando de valor, isto é ir-se-ha approxinando cada vez mais do valor da unidade, visto como cada vez lhe faltará menos para attngir esse valor*

Seja por exemplo a fracção $\frac{2}{5}$

Se sommarmos 3 a ambos os seus termos, depois ainda 3 a ambos os termos da fracção resultante, e assim successivamente, teremos :

$$\frac{2}{5}, \frac{5}{8}, \frac{8}{11}, \frac{11}{14}, \frac{14}{17}, \dots$$

A' 1.^a faltam $\frac{3}{5}$ para attngir o va-

lor da unidade ; á 2.^a faltam $\frac{3}{8}$; á 3.^a, $\frac{3}{11}$;

á 4.^a, $\frac{3}{14}$; á 5.^a, $\frac{3}{17}$; etc.,

donde se conclúe que a 1.^a é menor do que a 2.^a, a qual por sua vez é menor do que a 3.^a, e assim successivamente.

Cumpre-nos observar agora, que, embora taes fracções formem uma escala crescente, têm todas o numerador menor do que o denominador, isto é, são todas fracções proprias e portanto têm tambem todas nm valor menor do que a unidade.

Ellas se approximam cada vez mais da unidade, mas sem attngil-a nunca em absoluto. Diz-se que — taes fracções têm por limite a unidade, pois que é a unidade, o valor para o qual ellas se encaminham, o termo que promcuram attngir e do qual se approximam incessantemente.

Assim, chama-se *limite* de uma grandeza que varia, de uma grandeza variavel, o valor fixo do qual ella se approxima cada vez mais sem entretanto o attngir nunca.

Do mesmo modo que uma grandeza variavel póde crescer indefinidamente sem attngir certo limite fixo, póde tambem decrescer indefinidamente sem que chegue a annullar-se, isto é, sem que se torne igual a zero.

Seja por exemplo a fracção impropria $\frac{4}{3}$; se sommarmos 5 a ambos os

seus termos e depois ainda 5 a ambos os termos da fracção resultante. e assim successivamente, teremos :

$$\frac{4}{3}, \frac{9}{8}, \frac{14}{13}, \frac{19}{18}, \frac{24}{23}, \frac{29}{28}, \text{ etc.}$$

fracções successivamente menores, pois que cada uma excede a unidade em menor

quantidade. Assim, a 1.^a tem mais $\frac{1}{3}$ do

que a unidade ; a 2.^a tem apenas $\frac{1}{8}$ mais

do que a unidade ; a 3.^a excede a unidade sómente em $\frac{1}{13}$; a 4.^a, em $\frac{1}{18}$; a 5.^a, em

$\frac{1}{23}$; a 6.^a, em $\frac{1}{28}$, etc., etc.

Cumpre, porém, observar que, embora taes fracções formem uma escala decrescente, isto é, sejam successivamente menores, têm todas um valor maior do que a unidade.

Ellas se approximam cada vez mais da unidade, sem attngil-a nunca, pois que a excedem sempre, embora seja cada vez menor a differença entre as fracções successivas e a unidade.

A unidade é pois o *limite* das fracções consideradas.

Comprehende-se agora facilmente que — se subtrahirmos de ambos os termos de uma fracção propria um mesmo numero e procedermos do mesmo com a fracção resultante e assim successivamente, teremos fracções cada vez menores, de valor cada vez mais reduzido, mas sempre fracções, nunca um valor nullo.

O mesmo succederia a uma fracção cujo numerador se conservasse inalteravel e cujo denominador se tornasse successivamente maior.

As fracções resultantes decresceriam indefinidamente, tenderiam a annullar-se, approximar-se-hiam cada vez mais de zero, sem entretantanto chegarem a attngir essa situação.

Diz-se que *zero* é o *limite* das fracções consideradas.

Dentro em breve teremos occasião de applicar estes conhecimentos.

(Continúa.)

A Equitativa dos Estados Unidos do Brasil

SOCIEDADE DE SEGUROS SOBRE A VIDA

Séde Social, Avenida Rio Branco n. 125 — Rio de Janeiro

(Edifício de sua propriedade)

Relação das apólices sorteadas, em dinheiro, em vida do segurado

72º SORTEIO — 15 DE JULHO DE 1924

41.044—Dr. Heitor Castello Branco.....	Therezina — Piauh.
129.216—D. Helena Carrano.....	Curityba — Paraná
99.593—Lucas Cardoso Veras.....	Tutoya — Maranhão.
(1) 111.433—Julio Frederico Brietzke.....	Porto Alegre — R. G. Sul.
135.939—Antonio Araujo.....	Manãos — Amazonas.
120.644—Ricardo Liebmann.....	Fortaleza — Ceará.
112.478—Alfredo Brandão Villela.....	Viçosa — Alagôas.
134.118—Joaquim Afonso.....	Muquy — Espirito Santo.
99.398—José da Costa Magalhaes.....	S. Salvador — Bahia.
130.269—D. Iria Palafós dos Santos.....	Barra R. Contas — Idem.
125.961—D. Alvina Gamboa Vizeu.....	Parahyba — E. do Rio.
122.874—Osorio de Magalhães Salles.....	Petropolis — Idem.
120.838—Nóe Vieira de Andrade.....	Nitheroy — Idem.
(2) 101.631—Luiz José da Silva Guimarães.....	Recife — Pernambuco
131.034—João Capitulino de Queiroz Guerra.....	Mussuripe — Idem.
102.938—Dr. José Camillo de Castro Silva.....	Recife — Idem.
131.566—José Elpidio Gondim.....	Idem — Idem.
126.040—Olavo Domingues Galvão.....	Goyanna — Idem.
17.939—Dr. André Martins Andrade Junior.....	Pouso Alto — Minas.
134.979—Oriente Floriano Carli.....	Muzambinho — Idem.
126.325—D. Lygia Carlos Teixeira.....	Oliveira — Idem.
124.385—Tertuliano A. Fonseca Lessa.....	Itabirito — Idem.
127.312—Henrique Cerqueira Pereira.....	Barbacena — Idem.
129.752—Feliciano de Araujo Quintão.....	Idem — Idem.
116.975—José Pires da Silva Miranda.....	Sete Lagoas — Idem.
122.458—Altivo Teixeira Alves.....	Carangola — Idem.
109.496—Plácido Gonçalves Meirelles.....	S. Paulo — S. Paulo
129.205—Severino de Souza Meirelles.....	Santa Rita Passa Quatro — Idem.
135.257—Bomfilho Trazzi.....	Monte Alto — Idem.
132.658—Dr. Miguel A. Paula Lima.....	S. Paulo — Idem.
119.645—Dr. Oreste Pentagna.....	Piracicaba — Idem.
124.065—Victor Britto Bastos.....	Rio Preto — Idem.
120.523—Pedro Marracini.....	Araraquara — Idem.
136.926—D. Maria Palumbo Paula Eduardo.....	Jaboticabal — Idem.
104.791—João Gualberto de Souza Junior.....	S. Paulo — Idem.
52.151—Francisco Antonio Machado.....	Pindamonhangaba — Idem.
113.055—Luiz Torres de Oliveira.....	S. Paulo — Idem.
120.364—Eduardo Barra.....	Santos — Idem.
134.177—D. Lourença Pinto do Amaral.....	Capital Federal.
(3) 97.039—Antonio do Prado Lopes Pereira.....	Idem.
(4) 128.506—Dr. Jorge de Almeida Mongardino.....	Idem.
102.158—José Manoel Alves de Oliveira.....	Idem.
139.034—Manoel Ferreira Pinto.....	Idem.
(5) 112.428—Dr. Raul Machado Bittencourt.....	Idem.
(6) 117.716—Padre Henrique Ambrosio Mayer.....	Idem.
135.026—Paulo Daniel.....	Idem.
127.389—Gedeon Stephano de Clercq Junior.....	Idem.
126.724—Mario Rebello de Oliveira.....	Idem.
114.351—José Fernandes.....	Idem.
114.899—Dr. Alcindo de Figueiredo Baena.....	Idem.
100.895—René Levy.....	Idem.
(7) 128.389—Deolindo Fernandes de Jesus.....	Idem.

(1) O Sr. Julio Frederico Brietzke teve a sua apólice numero 82.370 sorteada em 15 de Outubro de 1913 e em 15 de Janeiro de 1923.
 (2) O Sr. Luiz José da Silva Guimarães teve a sua apólice n. 101.634 sorteada em 15 de Abril ultimo.
 (3) O Sr. Antonio do Prado Lopes Pereira teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Julho de 1920 em 15 de Julho de 1921.
 (4) O Sr. Dr. Jorge de Almeida Mongardino teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Abril ultimo.
 (5) O Sr. Dr. Raul Machado Bittencourt teve as suas apólices ns. 112.425 sorteada em 16 de Janeiro de 1922, 112.434 em 15 de Abril de 1922 e 42.438 em 15 de Abril ultimo.(Fôla 4 vez contemplado nos possos sorteios.)
 (6) O Sr. Padre Henrique Ambrosio Mayer teve a sua apólice n. 40.828 sorteada em 15 de Outubro de 1921.
 (7) O Sr. Deolindo Fernandes de Jesus teve esta mesma apólice sorteada em 15 de Janeiro do corrente anno.
 Nota. — A Equitativa tem sorteado até esta data 2.132 apólices no valor de 9.760.369\$500, importancia paga em Dinheiro aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor com direitos aos sorteios ultteriores.
 Aviso. — Em vista da falta de communicações com S. Paulo, resolveu a Directoria, afim de não ser prejudicado nenhum segurado, considerar vigentes, somente para a inclusão neste sorteio, todas as apólices do pagamento de cujos premios a Sociedade não teve noticia e se venceram nos 30 dias decorrentes de 15 de Junho a 15 de Julho do corrente anno.

CASA GUIOMAR

CALÇADO DADO

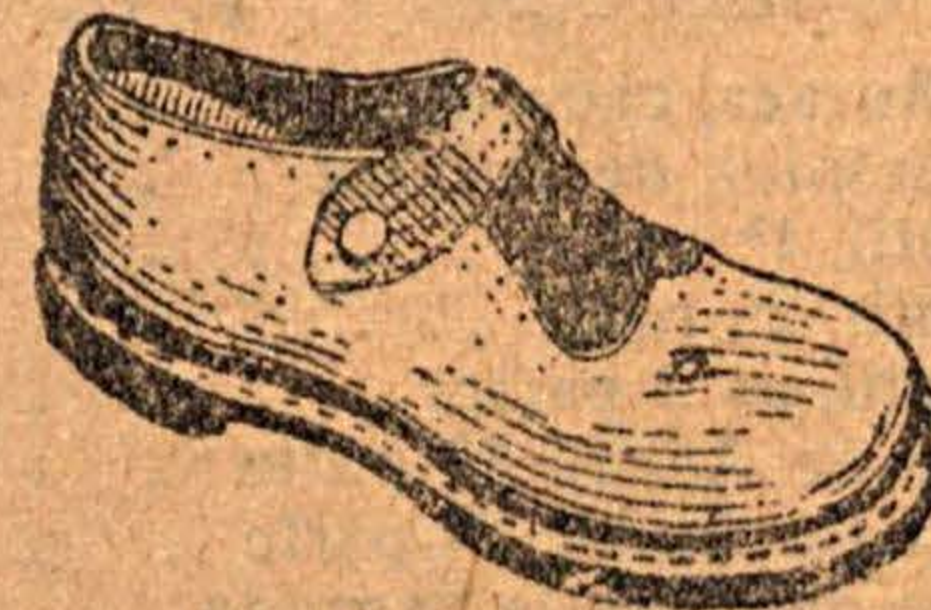
Avenida Passos, 120
(Proximo a Rua Larga)

Tendo adquirido uma importante fabrica pode assim vender todos os seus productos de calçados desde as alpercatas a Luiz XV mais barato que qualquer casa 50 oio



MODELO NILDA

De 17 a 26.....	4\$000
De 27 a 32.....	5\$000
De 33 a 40.....	6\$500



MODELO NORAH

De 17 a 26.....	4\$500
De 27 a 32.....	5\$500
De 33 a 40.....	7\$500

Pelo Correio, mais 1\$500 por par

Remettem-se catalogos illustrados gratis para o interior a quem os solicitar.

Pedidos a JULIO DE SOUZA

CASA ALVES

Compra e vende moveis usados Grande sortimento de moveis nacionaes

“DISPENSA ALEXANDRE” é o descanso para a dona de casa.

J. A. PONTES

Filial: PRAÇA TIRADENTSE, 36

Tel. Norte 6787

RUA DOS ANDRADAS, 51-53

Tel. 2838 Norte

RIO DE JANEIRO



O que o doente sente com o uso do «ELIXIR DE INHAME»

Com o tratamento pelo Elixir de Inhamé, o doente experimenta uma grande transformação no seu estado geral; o apetite aumenta, a digestão se faz com facilidade (devido ao arsenico) a cor torna-se rosada, o rosto mais fresco, melhor disposição para o trabalho, mais força nos musculos, mais resistência á fadiga e respiração facil.

O doente torna-se florescente, mais gordo e sente uma sensação de bem estar muito notavel.

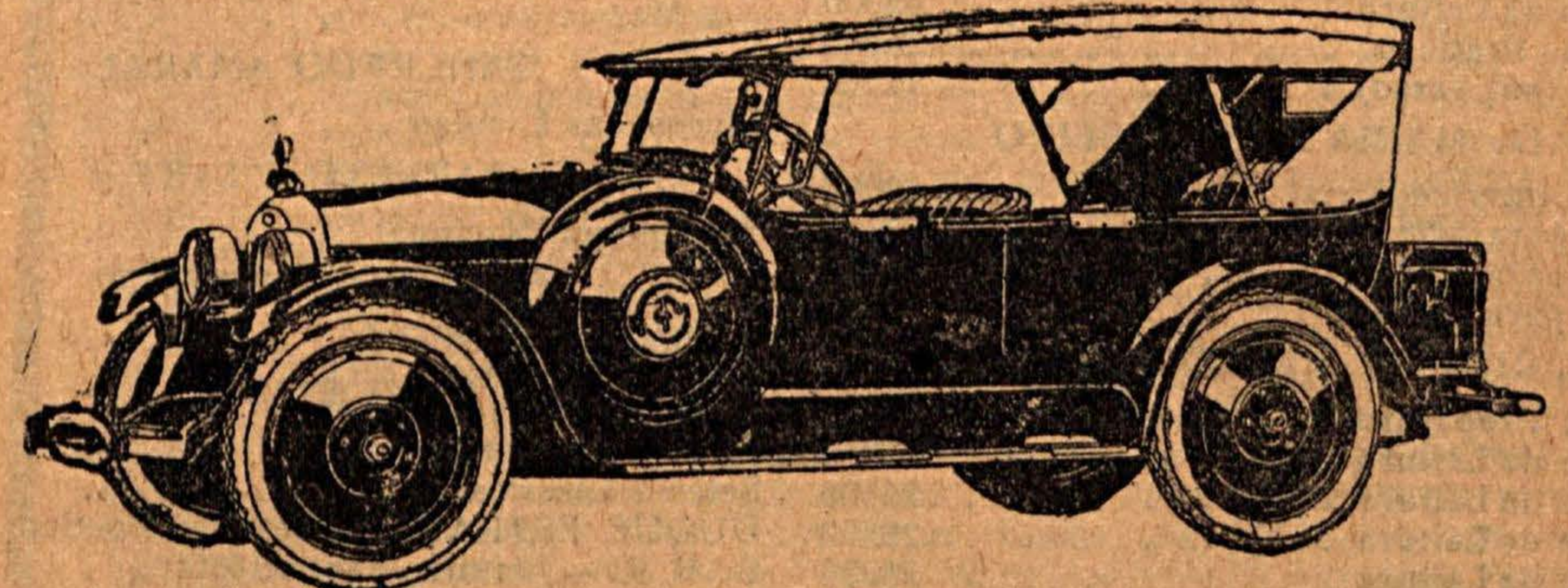
Modo de usar : O Elixir de Inhamé Goulart deve ser usado na dose de uma colher depois de cada refeição.

Depura - Fortalece - Engorda

«NASH» o carro ideal

Notavel pela sua belleza, força, commodidade, duração e economia. O carro NASH é o que mais convem para o serviço da praça, não só pelas suas qualidades como pelas vantagens que offerece aos chauffeurs e particulares

VENDAS A LONGO PRAZO



OS NOVOS MODELOS DOS CARROS NASH DE 4 E 6 CYLINDROS

AUTO-GERAL

Companhia Commercial e Maritima

RUA BENEDICTINOS, 1 a 7 — (Esq. da Av. Rio Branco)

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

Rua do Ouvidor, 166

S. PAULO

Rua Líbero Badaró, 19

BELLO HORIZONTE

Rua da Bahia, 1055

PAULO DE AZEVEDO & C. Livreiros Editores e Importadores

HILLARIO RIBEIRO

Cartilha Nacional	\$600
2º Livro de Leitura	1\$000
3º Livro de Leitura	1\$000
4º Livro de Leitura	1\$000

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia	\$600
2º Livro de Leitura	1\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	3\$500

SERIE PUIGGARI-BARRETO

Cartilha Analitica	1\$500
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	3\$000
O Livro de Leitura	2\$500

ARNALDO BARRETO

Cartilha das Mães	1\$000
Primeiras Leituras	2\$000
Leituras Moraes	2\$000

FRANCISCO VIANNA

Primeiros Passos na Leitura	1\$500
Cartilha	1\$800
Leitura Preparatoria	2\$500
1º Livro de Leitura	2\$500
2º Livro de Leitura	3\$000
4º Livro de Leitura	4\$000

JOÃO KOPKE

1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$500
5º Livro de Leitura	4\$000
Leituras Praticas	3\$000
Fabulas (em verso)	1\$500

D. MARIA ROSA RIBEIRO

Leitura Intermediaria	2\$000
Leitura para o 2º anno	2\$500
Leitura para o 3º anno	2\$500
Leitura para o 4º anno	3\$000

D. RITA DE MACEDO BARRETO

Leituras Preparatorias	2\$000
1º Livro de Leitura	2\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500
4º Livro de Leitura	3\$000

ABILIO CESAR BORGES

1º Livro de Leitura	\$900
Novo 1º Livro de Leitura	1\$000
2º Livro de Leitura	2\$500
3º Livro de Leitura	2\$500

SABINO e COSTA E CUNHA

Expositor da Lingua Materna	1\$000
Segundo Livro	1\$000
Segundo Livro	1\$000

FERREIRA DA ROSA

Methodo de aprender a ler	\$500
2º Livro de Leitura	1\$600
3º Livro de Leitura	2\$000
Excursões escolares	1\$000

DR. MARIO BULCÃO

Vida Infantil 1º Livro	1\$500
Vida Infantil 2º Livro	2\$000
Vida Infantil 3º Livro	2\$000

COLLECÇÃO F. T. D.

Quadros Muraes, cada quadro	1\$000
Novos principios de Leitura	1\$000
Guia Infantil, 1ª parte	2\$000
Guia Infantil, 2ª parte	2\$000
Guia Infantil, as 2 partes	4\$800
O 1º Livro de André 1ª parte	2\$000
O 2º Livro de André 2ª parte	2\$000
Compendio de Historia Sagrada	3\$000
Noções de Sciencias	3\$000
Anthologia (3º livro da coll.)	4\$000
Anthologia (4º livro da coll.)	6\$000
E. DE AMICIS — Coração	2\$000

AFRANIO PEIXOTO

Minha Terra e Minha Gente	2\$500
BILAC e NETTO—Contos Patrios	3\$500
" " Patria Brasileira	3\$500
" " Theatro Infantil	2\$500

CORNAZ

As creanças e os animaes	1\$500
Novos Amigos	2\$070
CORREIA e BARRETO — Era uma vez	2\$000
A. M. PINTO — Proverbios populares	2\$000
BILAC e BOMFIM — Leitura Complementar	4\$000
ALBERTO DE OLIVEIRA—Céo, Terra e Mar	3\$500

TANCREDO AMARAL

Livros das Escolas	3\$000
------------------------------	--------

BARRETO E LAET

Anthologia Nacional	6\$000
-------------------------------	--------

EUGENIO WERNECK

Anthologia Brasileira	6\$000
---------------------------------	--------

JOÃO RIBEIRO

Autores Contemporaneos	3\$000
Selecta Classica	4\$000
DUQUE ESTRADA—Thesouro Poetico	3\$500
B. P. R. — Leitura Manuscripta	1\$500

A. BALTHAZAR DA SILVEIRA

Educação Moral e Civica	2\$500
OLAVO BILAC—Poesias Infantis	3\$500
L. FERDINAND — Lyra das Creanças	2\$000
R. PUIGGARI — Album de Gravuras	2\$000

Remettemos o nosso catalogo gratis, para todo o Brasil